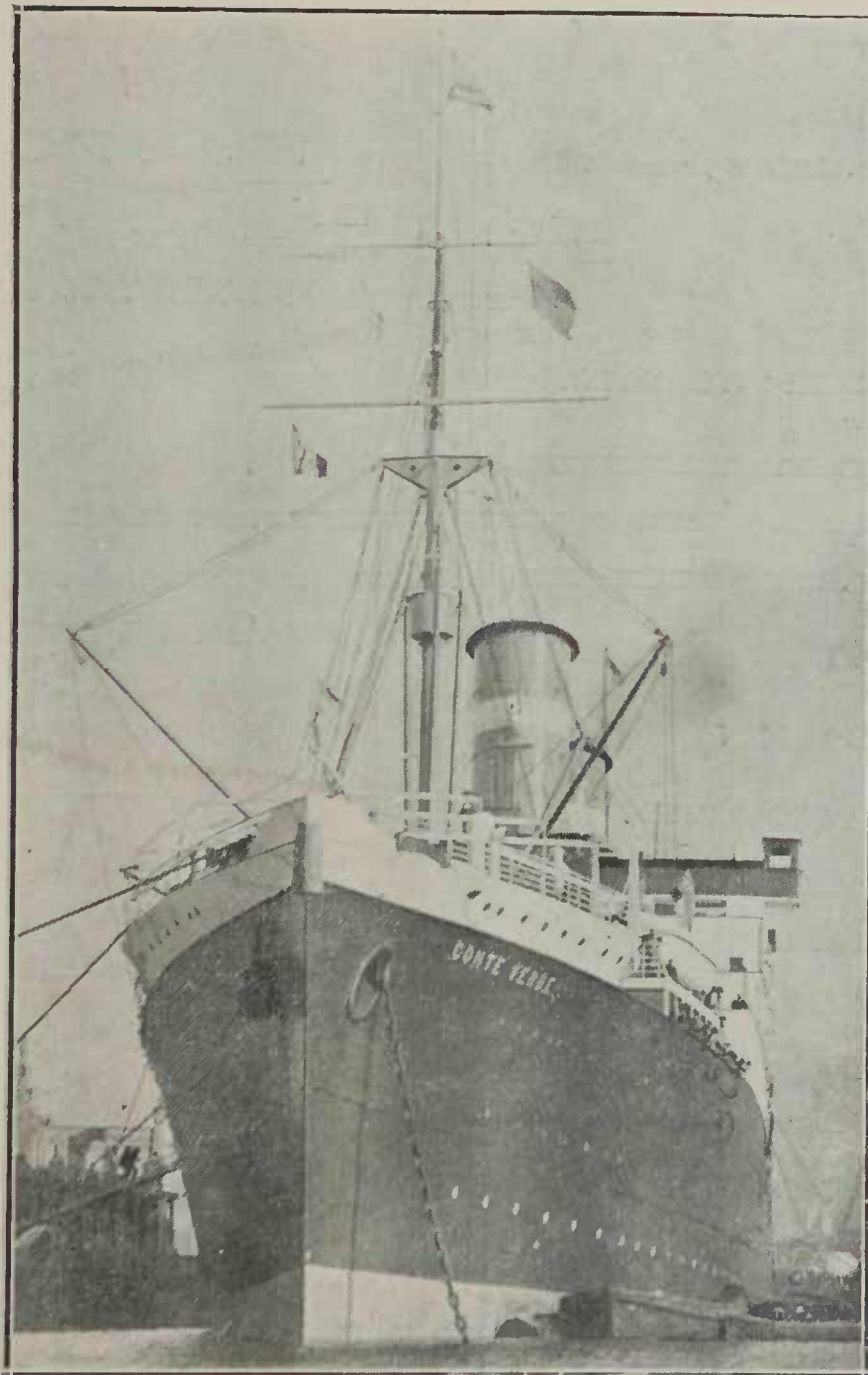


MOVIMENTO

BRASILEIRO

PRIMEIRO ANNO
NUMERO 3

Director:
RENATO ALMEIDA



O TRANSATLANTICO

MARÇO

PREÇO 1\$000

RIO DE JANEIRO

LYCÉE FRANÇAIS

RUA DAS LARANJEIRAS, 13 e 15

JARDIM DA INFANCIA

Cursos Infantil, Secundario e Commercial.

EXTERNATO E SEMI-INTERNATO.

Pharmacia Heitor Sampaio

RUA EVARISTO DA VEIGA 30
PHONE CENT. 3191—Prox. ao Municipal

GRANDE STOCK DE DROGAS

— Preços reduzidos —

FOSFOROL

O MELHOR TONICO DA CELULA
ORGANICA

Grandes armazens d'alimentação

DUCHEN

70/70-A, RUA SÃO BENTO

Caixa 497

SÃO PAULO

Especialidades em

BISCOUTOS — BONBONS — CHOCOLATES

DOCES — FRIOS

PREZUNTOS — SALCHICHARIAS

SALAMES — CONSERVAS

Mostardas — Pickles — Condimentos

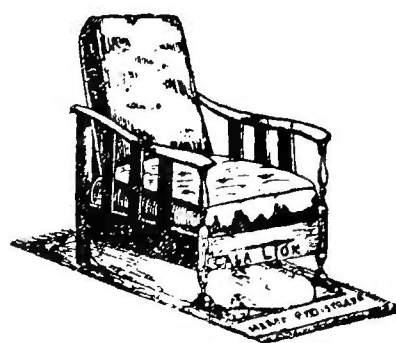
VINHOS

Portos — Champagne — Licores

Massas e macarrão

Expedições para todas as partes contra cheques.

MOVEIS E OBJECTOS DE ARTE
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIO



Casa Lion

145, RUA DO ROSARIO, 145

Telephone Norte 5153

RIO DE JANEIRO

"NOVELTY"

COISAS DE ARTE
barão de itapetininga, 59
Phone. 4-7801
S. PAULO

Casa Alemã

Casa Especial

para instalações completas de
maximo conforto.
Maior stock em tapetes, cortinas.
Decorações e fazendas para as mesmas.
Mobílias elegantes de superior execução.
Novos modelos de grupos estofados
e moveis de junco.

Secção recém-creada

Roupas brancas finas para
Corpo — Cama e Mesa e
Roupa de Banho.
Encomendas sob medida.
A nossa especialidade:
Enxovaes finos para noivas
Qualidades boas e solidas.

RIO DE JANEIRO

Orçamentos gratuitamente a disposição sem compromisso.

Praça Floriano, 23

(Av. Rio Branco em frente ao Supremo Tribunal)

TEL. C. 0049

Officinas Reunidas: RUA JORGE RUDGE 120

TEL. C. 4858

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

PRIMEIRO ANNO

Numero 3

Director:

RENATO ALMEIDA

Ensino primario

Revisão de Valores

José de Alencar

GUILHERME DE ALMEIDA: A RUA DAS RIMAS

Luiz de Camara Cascudos: Instrumentos musicas dos negros no Brasil

EMILIO PETTORUTI: PIERO MARUSSIG

O SENTIDO DA ANTHROPOPHAGIA

ANIBAL MACHADO: Vá-se embora Maria...

A grammatica da Academia

Marianno de Medeiros: Hamburgo, a symphonia moderna

O DICCIONARIO DA ACADEMIA CONDEMNADO POR ALBERTO DE OLIVEIRA

A CASA DE AUGUSTO COMTE

COMO PENSAM OS ESTUDANTES BRASILEIROS

Teixeira Soares: RESISTENCIAS MORAES

REPERTORIO

Assignatura annual

Brasil-dez mil reis

Exterior-dois dollares

REDACÇÃO:

Rua da Quitanda, 63

1.º Andar

MOVIMENTO BRASILEIRO

O ENSINO PRIMARIO

Se é verdade que se nota, nos nossos estados, uma crescente preocupação em melhorar o ensino primario, que, em varios delles, chega a ser feito dentro dos melhores methodos, não é ainda lisonjeiro o resultado da campanha pela alphabetização do paiz, pois a percentagem dos que não sabem ler e escrever sóbe ainda ao algarismo fantastico de 75%. As estatisticas, baseadas apenas no crescimento vegetativo da população, nos prenunciam que, dentro de dois lustros, teremos cerca de 50 milhões de habitantes, mas o numero nada indicará em favor do nosso progresso e civilização, se a immensa maioria desses milhões continuar a ser de ignorantes, de doentes, de miseraveis esquecidos pelo interior a fóra.

O problema da diffusão do ensino primario deveria merecer um estudo mais cuidadoso, no modo de ser feito. A exemplo do que acontece com a Saude Publica, a União poderia entender-se com os estados, ou com alguns delles, onde os meios de transportes fossem mais difficeis, ou as condições financeiras mais precarias, no sentido de uma acção conjuncta e efficaç, pela obrigatoriedade do ensino primario. Depois, será mistér fixar o problema da localização das escolas e da natureza dellas. Não basta a escola. Seria conveniente despertar a sua utilidade. Assim, as escolas profissionaes e agricolas, nos centros principaes das zonas, concorrendo para a alphabetização, ao mesmo tempo preparariam os individuos para uma mais larga acção. Porque a escola tem de ser no interior, não só um elemento de instrucção, como de educação em geral. Ella terá papel fundamental na diffusão das noções de hygiene, na dissipação de todo o arsenal de superstições e busões que perturbam a tranquillidade da gente do interior. O seu papel social é de uma complexidade extraordinaria, dentro da mais modesta simplicidade. Naturalmente não se quererá professores pedantes de hygiene, que vão discutir doutrinas intrigadas aos olhos espantados dos caipiras e tabaréos, nem individuos que, para dar as noções fundamentaes de compra e venda, vá falar em doutrinas economicas e materialismo historico. Precisamos de escolas praticas, em cursos rapidos e efficientes. Nesse particular, com determinadas adaptações, a escola activa póde ser proveitosissima, pois estabelece os centros de interesse, dentro das condições particulares dos alumnos de cada região, dando-lhes assim um contacto directo com a realidade.

A primeira distincção a estabelecer é a differença entre a escola da cidade e a do campo. Meios, condi-

ções de frequencia, idade escolar, tudo isso varia de ponto a ponto e não será possivel estabelecer modelos, sendo essa porventura a maior difficuldade. Porque, o interior de São Paulo não é semelhante ao da Parahyba ou de Matto Grosso, nem o litoral parecido com o sertão. Além disso, a disseminação das gentes é irregular, de sorte que, em cada estado, são varias as hypotheses, que se propõem, exigindo cada qual a sua solução especial. Em geral, cada cidade, ou villa, é cercada de roças e cada roça tem a sua população. Naquellas se estabelecem escolas, sem maior difficuldade, mas como servir a estas? Ellas distam de muitos kilometros dos centros urbanos, de tal modo que são inacessiveis aos roceiros. Só grandes escolas ruraes, com internato, que abrigassem, obrigatoriamente, os menores de 8 a 11 annos, encaminhariam o problema. Replicarão que a solução é extremamente dispendiosa, mas, ou os governos se dispõem a sacrificios para resolver o problema, ou permaneceremos uma nação incapaz de contribuir efficaçmente para a sua construção, pois não ha-de ser com 75% de analphabetos que o Brasil criará coisa alguma.

No proprio Districto Federal, onde a organização do ensino primario é excellente, o numero de analphabetos é espantoso, como verificaram as ultimas estatisticas. No resto do paiz, sem as facilidades daqui, onde tudo se concentra numa cidade por assim dizer, o problema tem feições angustiosas, exigindo verdadeiros sacrificios. A obrigatoriedade federal seria um grande passo, mas os legisladores acreditam que haveria nisso uma offensa á Constituição, essa mesma Constituição de que só são zelosos defensores para o que beneficia a collectividade e que se não pejam de violar grosseiramente, quando apraz aos seus interesses particulares. Os estados não dispõem em geral de elementos capazes de solucionar ou encaminhar favoravelmente a questão, resultando esse quadro lamentavel de ignorancia, que, ao lado da doença, constitue o mais poderoso embaraço ao crescimento do Brasil. Se não attentarmos, resolutamente, o combate ao analphabetismo, que valor terão reformas e leis, se a nação ainda não adquiriu a consciencia precisa para recebê-las? E tudo permanecerá no tumulto da hora presente, em que se procura mais combater os symptomas do que as causas do mal. O problema brasileiro precisa ser estudado a fundo e, entre os motivos da crise terrivel que atravessamos está, em primeiro plano, essa massa enorme da população ignorante e doente, que se deixa escravisar e espoliar, sem força e sem animo para affirmar siquer os seus direitos humanos.

REVISÃO DE VALORES

A critica é uma incessante revisão de valores e a que intentamos agora procura determinar o que perdura na contribuição dos nossos maiores escritores ao patrimonio espiritual do Brasil. Este phenomeno da duração é o mais raro e mais precioso que pôde succeder a um autor. Que privilegio é esse de atravessar camadas de sensibilidade que se vão sobrepondo no tempo, permanecendo elle sempre vivo, interessando sempre ás gerações que se vão succedendo? E porque outros, que foram dominadores do seu tempo, envelhecem rapidamente, perdem os seus escritos a vibração e morrem, restando apenas o nome isolado dos seus livros, que ninguem mais lê?

A nossa revisão é uma experiencia critica do valor dos escritores brasileiros, em relação ás coisas do tempo e uma indagação do destino que lhes está reservado. Não discutiremos

as suas idéas, ou a projecção que possam ter fóra da literatura. Procuraremos fixar a essencia de cada um delles a sua correlação com o nosso tempo, o que sobrevive e o que morreu. A nossa analise será serena e desinteressada, intervindo nella, como em todas as dessa ordem, os elementos inseparaveis da sensibilidade e do juizo dos julgadores. Estes os collocarão dentro do espirito moderno, procurando reflectir as suas tendencias mais caracteristicas. E nisso estará, por certo, o maior merito desta tentativa.

Julgamento transitorio e relativista, como tudo na vida, será revisto por outros, mas quer exprimir com segurança o depoimento dos que, nessa indagação, procuram estabelecer as grandes referencias espirituales do Brasil futuro.

JOSÉ DE ALENCAR

A suprema gloria de José de Alencar é a de ter incorporado ao patrimonio lirico do Brasil algumas figuras immoredouras, Pery, Cecy e Iracema. O indio araguaya pôde gritar a todo instante e sem proposito que elle é Ubirajara, senhor da lança, ninguem lhe presta attenção e todos sorriem desta fita cinematographica, em que os indios são semelhantes aos americanos brancos pintados de pelle vermelha. O cinema desmontou o indianismo de Alencar. Se as attitudes singulares e cavalheiras dos indios de Alencar são falsas, as falas apresentam essa impressão de artificio, de convencionalismo, que torna intoleravel ás nossas exigencias de realidade, de naturalidade o indiano dos românticos. Para estes os indios são heroes que se exprimem literariamente em uma perlenga classica como os gregos e os romanos transmudados em cortezãos francezes por Corneille e Racine, ou em liricos sentimentaes ou pregadores moralistas por Chateaubriand. Pery é definido por D. Antonio de Mariz "um cavalheiro portuguez no corpo de um selvagem". E um cavalheiro portuguez incorporado no indio guarany torna-se theatral, fiteiro, falso, sem a menor *humanidade*, desmoralizando totalmente a saborosa selvageria da raça. Traição, que affirmam os caçadores de indios, ser, o traço caracteristico destes. Para os românticos, o indianismo era uma idealisação na-

cional, explosão delirante do orgulho nativista. O indio era o brasileiro puro, o dono da terra, o forte e indomito senhor das selvas e dos rios, intimo da natureza, em que se fundia. Os portuguezes eram os espoliadores, os assassinos, os intrusos. Os negros impuros eram os perpetuos escravos, os infames servos, incapazes das revoltas dos indios. Para Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, a questão indiana nunca foi considerada pelo aspecto economico. Quando a literatura descobriu o indio, este não subsistia como factor do trabalho no Brasil. Tinha sido eliminado pelo portuguez, pelo brasileiro, pelo negro. O indio foi então realiado como uma desforra do nacionalismo, passou á categoria de um idolo retrospectivo e não uma força viva, actual, necessaria. Ainda hoje o movimento para a resurreição do indio é puramente sentimental. Não corresponde a uma necessidade viva, essencial. O indianismo é um refugio do desespero nativista. O indio não é um factor economico para ser a base de uma reivindicação, e sem a razão economica não se constróe coisa alguma. Não se pôde mais reconstituir uma nação india no Brasil. Se a questão social, o factor economico tentar se apoiar hoje em uma reivindicação racial, ou nacional, será no conflicto entre o brasileiro e o estrangeiro immigrante. O indio hoje é literatura.

Mesmo interpretando a volta ao índio por um conceito largo da volta ao estado de espírito índio, a um estado de descoberta, de intimidade com a natureza, de energia pura, como ponto de partida de uma nova civilização ou de renovação do que possuímos e está deteriorado, esta situação não seria exclusivamente racial, seria phenomeno commum a todos os povos formados pela immigração. Esses povos, sejam americanos, mexicanos, brasileiros, oceanicos e africanos, o que devoram não são raças humanas, mas sim fórmulas de cultura política e literaria. Não se pôde dizer que a civilização occidental, européa, ou toda a civilização occidental esteja exgotada. Algumas fórmulas políticas ou literarias estão em liquidação, como o parlamento e o academismo. Uma civilização, que renova a phisica e a chimica todos os dias, que descobre o radio, a theoria microbiana, a aviação, mede o universo pela relatividade, transforma a propriedade privada, institue a dictadura proletaria, não está exgotada, está em plena elaboração de novas descobertas scientificas, em plena applicação de novas experiencias políticas. Por toda parte a renovação.

O estado de espírito índio, se fôr alargado aos homens de todas as raças, que buscam as terras novas com ferocidade primitiva, desnacionaliza-se e torna-se cosmopolita, indifferente a qualquer espírito de nacionalidade, porque o que elle defende é a posse material do que se apropriou, até formar dos interesses collectivos uma nação, que será a sublimação daquelles instinctos de dominio e goso. Não é isso o que pregam os prophetas da volta ao índio, que é uma aspiração nativista, racial, brasileira pura. A formação nacional, pela fusão das raças, é phenomeno universal. Até hoje não se conhece civilização que não seja o resultado da fusão de povos em diferentes estados de cultura, para dar maior impulso á civilização recebida. Um dia a Africa tambem renovará as energias humanas pela mais intensa e vasta fusão das suas raças com os povos de cultura superior. A America não pôde retroceder. Tem de proseguir nesse caminho da fusão das culturas e transfundir a esse amalgama o seu espírito novo, como está succedendo. Para diante, nunca para traz.

Como literatura e como poesia é que sobrevivem o *Guarany* e *Iracema*. A força poetica é tão intensa que o índio falsificado se torna uma realidade ideologica. Vive eternamente na nossa imaginação. No *Guarany*, sobretudo, ha uma exaltação do ambiente, um entusiasmo, uma poesia-poetica, que transfiguram a composição cheia de peripecias, de aventuras, transbordante de interesse dramatico. E' o segredo do *Guarany*, como obra de arte. O *Guarany* é o poema da união da raça portugueza com a raça indigena do Brasil. E' um poema cyclico. Por elle José de Alencar teve o privilegio de ser o primeiro romancista de synthese de nossa literatura. E' possivel que este primeiro movimento synthetico tivesse sido inconsciente em Alencar. E' possivel que para elle o *Guarany* fosse uma idealisação cavalheiresca do índio, um romance de aventuras. Este foi o impulso consciente, o

O DICCIONARIO DA ACADEMIA CON- DEMNADO POR ALBERTO DE OLIVEIRA

Falando ao *Diario Nacional* de São Paulo, o grande poeta Alberto de Oliveira, referindo-se ao Diccionario da Academia, disse não gostar do nome, *Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza*, por achal-o improprio, visto como "a lingua portugueza fala-se no Brasil e em Portugal, onde nasceu. Diccionario da Lingua Portugueza tem mais propriedade e é mais certo. Os que se editam em Portugal não são Diccionarios Portuguezes da Lingua Portugueza."

Depois affirmou não concordar na fórmula como está sendo feito e, por fim, lembrando os seus velhos conhecimentos de pharmaceutico, prescreveu, espiritualmente, a fórmula: "Tomem-se todos os vocabularios que estão publicados e que contêm ricas contribuições. Junte-se-lhes o Diccionario de Moraes — 2ª edição — Imprensa Lacerdinha, Lisboa, 1813, e o que se poder aproveitar da obra de Domingues Vieira e mais da de Caldas Aulet.

Isto feito, teremos um esplendido diccionario em tres volumes e por preço accessivel a qualquer bolsa. Os homens que estão encarregados da sua factura teriam menos trabalho do que o que têm tido e têm e para os ajudar poderiam chamar em seu auxilio Said-Ali e Mario Barreto.

Que mais precisava o Brasil para ter um esplendido glosario.

Penso que nada mais. Commigo pensam outras pessoas, mas ainda assim não pensaram.

Os que estão empenhados na grande obra..."

outro, o que domina e engrandece o poema, é o impulso do genio, o inconsciente de uma maravilhosa synthese. Em *Iracema* já o cyclo de formação originaria é consciente. Alencar replicou ao par ideal da mulher branca e do homem índio com o par da mulher india e do homem branco. O velho Baturité exclamará syntheticamente, diante do portuguez e do potyguara: "Tupã quiz que estes olhos vissem antes de se apagarem o gavião branco junto da narceja".

O sentimento nacionalista é a dominante da imaginação criadora de Alencar. A natureza brasileira absorve o estrangeiro, o vencedor é sempre o Brasil. Em *Iracema*, o portuguez torna-se índio. A scena da transformação do portuguez em índio parecerá hoje um grotesco divertimento theatral, um incidente de cinema, mas exprimirá a subordinação do portuguez ao índio, a adopção dos costumes e dos emblemas indigenas pelos conquistadores brancos. No *Guarany* não é nos arrancos, no cavalleirismo, na devoção de Pery que a imaginação de Alencar atinge ao seu maximo. E' na resolução de Cecy de se tornar brasileira, filha do deserto, renunciando a Portugal e a Europa, para ser americana e fundir-se com o selvagem Pery.

A reacção de Alencar contra o classicismo portuguez foi tímida. Compare-se com o que se tem feito depois de 1922 e se verá como a libertação actual é mais profunda e mais decidida. Alencar, ao mesmo tempo que justificou a reacção brasileira pela diferença de costumes e da evolução do povo brasileiro, que estava modificando o portuguez e forjando uma lingua propria, não ousava grandes audacias e propunha neologismos artificiaes, fabricados do latim, o que era uma deformação classica.

Alencar que foi um genio criador em *Guarany* e um inspirado poeta em *Iracema*, é um excellente romancista pelo dom de criação em tudo, nos personagens mesmo nal desenhadas e estragadas pelo convencionalismo, nos costumes, nos episodios, romancista com a rara faculdade de tecer entrecchos, desenvolver scenas, quadros e aventuras, mesmo romanescas e absurdas, ou por esta facultade de mentir, que é a arte do romance.

Por esta força evocativa Alencar foi um grande romancista de ambientes. A sua aspiração era representar todos os scenarios e dramas brasileiros do passado e do seu tempo. Escrevia infatigavelmente livros os mais diversos da vida selvagem (*Ubirajara*), da vida colonial (*Iracema*, *Guarany*, *Minas de Prata*, *Sertanejo*), da vida das fazendas (*Tronco do Ipê*), da vida da cidade (*Diva*, *Senhora*), da vida dos pampas (*Gaúcho*), da vida sertaneja (*Sertanejo*). Nenhum romancista brasileiro teve tão vasto e intencional programma, al que Alencar se applicou com entusiasmo edificante. Romancista de ambiente são os romancistas brasileiros. Em nossos maiores romances, os typos, os caracteres são geralmente inferiores aos quadros. O espirito criador não é sufficiente para dar-lhes vida profunda e larga. O meio os domina. São romances de ambientes naturaes, sociaes e moraes. Machado de Assis é uma excepção? O ambiente é muito importante em suas composições. E' um Rio de Janeiro, de certa época, uma sociedade de que pequenos typos marcam sentimentos collectivos, os costumes unanimistas. A unica criação viva de Machado de Assis é *Capitu*. Ninguém mantem de memoria a personalidade de *Braz Cubas*. E *Quincas Borba* é uma ficção extremamente artificial, um paradoxo humano para exprimir os paradoxos do escritor. As figuras de Alencar, que dominam os ambientes, como Pery e Cecy, são figuras poeticas, irreaes, que sobremexistem como symbolos. Não são caracteres, não são vida, nem humanidade.

Alencar, romancista de ambiente, é fatalmente um descritivo. As suas descrições dos costumes e da vida social são excellentes. Têm a força da representação. Ha naturalidade e simplicidade. Ha um realismo facil, espontaneo. São os quadros de genero por um pintor da sociabilidade brasileira. Enquanto elle brilha no genero, é inferior nas figuras, nas paysagens. A sua paysagem é academica, quasi inexpressiva, muito convencional. Sente-se nellas, ora uma pieguice com a natureza, ora um esforço para exprimir a seiva e o tumulto brasileiros, esforço para o tragico e o violento, que não attinge o fim

A CASA DE AUGUSTO COMTE

Foi um movimento geral e unanime de opinião, que solicitou ao Governo Francez a classificação da casa de Augusto Comte, á Rua Monsieur-le-Prince 10, entre os monumentos historicos do paiz, evitando a sua destruição imminente. Não só os positivistas, mas todos os intellectuaes do mundo se dirigiram ao monistro da Instrucção Publica e Bellas Artes, da França, afim de evitar que a ameaça de ser destruida a casa do grande philosopho, para remodelações urbanas, se consumasse.

Attendendo a esses appellos, o Governo Francez classificou, entre os monumentos historicos, a casa, onde está o "apartamento sagrado", em que Augusto Comte meditou e escreveu os seus grandes livros e instituiu, sob a inspiração de Clothilde de Vaux, a religião da humanidade.

emotivo, que rebusca. As suas figuras humanas são desenhadas academicamente. São frias, literarias, de um modelado retorico e banal. Exprimem-se sem naturalidade, pernosticas e convencionaes. Peão excesso de poesia, compreende-se este convencionalismo nas falas de Pery ou Iracema, mas em outros personagens portuguezes ou brasileiros, o tom enfatico e declamatorio é intoleravel. Este artificialismo decorativo e theatral expande-se na preocupação do vestuario dos personagens de Alencar. Nos romances coloniaes, é um sentimento de archaismo, uma demonstração de informação, uma exhibição literaria. Nos romances do seu tempo, um artificio descrittivo, uma exterioridade do seu temperamento eloquente e pouco concentrado, signal da theatralidade do compositor e do scenographo.

A sua lamentavel falta de technica artistica torna mediocres e absurdas as suas paysagens e figuras. Não encontrou para fixal-as um traço revelador, insubstituivel. Está-se no chaos da banalidade e do artificialismo. E' singular como Alencar, homem do sertão, falsificou a natureza brasileira. No *Guarany* ainda ha uma illusão poetica, uma meiguice, uma agradável e innovadora apresentação botanica e geographica, que envolvem e disfarçam os vicios literarios. Passado este primeiro impulso, que foi o melhor de Alencar, eil-o forçando o seu talento, estragando tudo, pelo empenho de escrever bonito. E' incrivel que o autor das paysagens, embora imprecisas, mas deliciosas do *Guarany*, feitas aos vinte e oito annos, escrevesse em plena madureza os quadros do *Sertanejo* e do *Gaúcho*. Naquelle primeiro livro, havia uma ansia de exprimir os sonhos contidos, as revoltas, o amor da natureza e o desespero da libertação. Alencar exgotou esta maravilhosa reserva no *Guarany*. Em *Iracema*, descobre-se a applicação do talento, a vontade, a intenção. Depois, caímos em cheio no dominio da tolice, da banalidade, do lugar commum, do pieguismo. O estilo guardará ainda o rythmo eloquente. A sonoridade cantará

vasia, monotona, mas sempre melodiosa. Alencar escreverá assim, cantante: “As sombras das collinas do poente desdobravam-se pelos campos e varzeas e cobriam a rechã desse candor da tarde, que em vez da alegria da alva matutina tem o desmaio, a languidez da luz que expira. Por aquellas devezas já envoltas no umbroso manto só destacam-se as copas das arvores altaneiras ainda immergidas dos fogos do arreból, que de longe parecem as chammas de um incendio, rompendo aqui e ali no seio da matta. O gado espalhado pelas varzeas solta os profundos e longos mugidos com que se despede do sol e que propagam-se pelo ermo, como as carpideiras da natureza ao sepultar-se nas trevas. (*O Sertanejo*, I-pag. 236). Ou então, Alencar commovido escreverá: “A mulher chora, soluça, beija e abraça; a egua lambe e nesse unico movimento há a lagrima, o soluço, o osculo e o amplexo: o amplexo da lingua que é o abraço intelligente do animal.” (*O Gaúcho*, I-pg. 89). Ainda, sempre patheticamente: “Em risco de estrangulação, a misera mãe se alongara pela luta a dentro, soluçando e rindo; soluçando pelo filho moribundo e rindo pelo filho ainda vivo. Duplo sentir e avesso, que sómente se explica pelo fluxo e refluxo do oceano, a que chamam coração”. (*O Gaúcho*, I-89). Esta mãe em tal transe de choro e riso é a egua Morena e o filho é o Juca, o poldro, “que se tornou mancebo, de seiva ardente e generosa e cuja natureza imperiosa foi desenvolvida pelo exemplo da mãe”. (*O Gaúcho*, I-pg. 208). Nesse estilo pobre, pernostico e alambicado, sem condensação, Alencar tece a maior parte dos seus livros. Não recua diante do lugar commum e da imagem tola, enfeitada por um fraseado ridiculo. “Abriu os olhos o poldrinho, enteriçou os membros tropegos, e erguendo o curto focinho, soltou um suave ornejo, que na linguagem da natureza exprime o eterno e sublime balbucio da criança, e na linguagem dos homens se traduz por esta palavra hymno: Mamã.” (*O Gaúcho*, I, pag. 91). Descrevendo o Parahyba e a paisagem em que elle corre, Alencar não se peja de dizer, na primeira pagina do *Tronco do Ipê*: “Assomava ao longe, emergindo do azul do céu, o dorso alcantilado da Serra do Mar, que ainda o cavallo a vapor não escarvara com a ferrea unguia. De as alas da montanha desciam, como sanefas e bambolins de verde brocado, as florestas, que ensombravam o leito do rio. A’s vezes, tarda e indolente, outras, rápido e estrepitoso, com a crescente das aguas, que o entumeciam, assemelhava-se o Parahyba, na calma como na agitação, a uma pithon ante-deluviana colleando através da antiga selva brasileira.”

O processo de Alencar é, geralmente, o da comparação e da imagem e as suas comparações e imagens convencionaes, literarias, infelizes. Pobreza irremediavel de um genial criador de vida. Os seus conceitos retumbantes, cavernosos: “Desde que nasce o filho logo a mãe de

novo o concebe, mas dentro da alma. Ha ahi um seio criador, como o utero, chama-se coração.” Alencar desenvolve a comparação: “O filho nasce duas vezes, a primeira para a mãe, a segunda para si. Semelhante á membrana que fórma o seio do animal, é a sollicitude do coração da mulher a ternura que envolve a criança, formando um berço para a alma do filho. Por isso não ha dôr que se compare ao parto do coração materno e essa dilaceração d’alma, quando separa o filho já creado que nasce enfim para os trabalhos da vida.” (*O Gaúcho*, I, pag. 94). E’ assim que pinta Alencar, enternecido e conceituoso, o desespero da egua Morena, quando viu crescer e teve de separar-se do seu filho, o mancebo Juca. Os livros de Alencar estão recheiados dessas explicações, em phrases melodramaticas. A’s vezes, descamba para o humorismo, a que faltando o espirito, fica reduzido a tolice. Alludindo ao melão, dirá, no *Tronco do Ipê*, em uma das suas comparações didacticas: “A travessura é a pimenta do reino, que os meninos deitam em seu melão, esse pepino doce, essa indigestão natural que a terra, mãe carinhosa, tem o cuidado de preparar para os estomagos desejosos de emoções fortes. Eu comparo ao estomago que digere um melão ao Hercules da mythologia esmagando a hydra de Lerna.” (*Tronco do Ipê*, pg. 19). Não se commente mais essa sollicitude de mãe, que sempre preoccupa Alencar, da mãe carinhosa que é a terra, nem esse estomago-Hercules. Não ha fruta mais infeliz em literatura do que o melão. Raro é o escritor, que, tratando d’elle, não diga bobagens. Bernardin de Saint-Pierre affirmou que Deus tinha feito o melão em gomos para mais facilmente ser comido em familia. Esta pittoresca finalidade do melão, foi recolhida por Flaubert ao “sottisier” universal. Por nossa vez, remetamos ao mesmo destino as tolices de Alencar.

Tudo isto podia ser desprezado, se a fórma literaria de Alencar, o seu estilo, a sua prosa-poetica não fossem um signal de uma degenerescencia intellectual brasileira. Com este fraseado “bonito” escrevem milhares de individuos por todo este paiz. E’ a prosa pernostica, affectada e tola. Parece um vicio incorrigivel, que, para o caso de José de Alencar, se poderia allegar benevolmente a excusa da época. A perduração de tal maneira de escrever e a sua antecipação a Alencar demonstram ser um triste pendor nativo. Estes miseraveis discursadores e escrevinhadores são inextinguiveis. Para animal-os na persistencia ahi está a Academia Brasileira a premial-os e a recebê-los entre os seus membros.

Se tivessem escrito nesta horrivel linguagem o maravilhoso *Guarany* estariam salvos. O genio criador de José de Alencar foi uma libertação da inferioridade do escritor.

A RUA DAS RIMAS

Para o RENATO ALMEIDA

A rua que eu imagino, desde menino, para o meu destino pequenino
 é uma rua de poeta, recta, quieta, discreta,
 direita, estreita, bem feita, perfeita,
 com pregões matinaes de jornaes, aventaes nos portaes, animes e varaes nos quintaes;
 e accacias parallelas, todas ellas bellas, singelas, amarellas,
 doiradas, descabelladas, debruçadas como namoradas para as calçadas;
 e passos, de espaço a espaço, no baço mormaço do silencio lasso;
 e algum piano provinciano, quotidiano,
 brando e brando, soltando, de vez em quando,
 na luz rala de opala de uma sala, uma escala clara que embala;
 e, na tarde que arde, o alarde das creanças do arrabalde;
 e, de noite, no ócio capadocio,
 junto aos lampeões espiões, os bordões dos violões;
 e a serenata ao luar de prata (Mulata ingrata que me mata...);
 e, depois, o silencio, o denso, o intenso, o immenso silencio...

A rua que eu imagino, desde menino, para o meu destino pequenino
 é uma rua qualquer onde desfolha um malmequer uma mulher que bem me quer;
 é uma rua como todas as ruas, com suas duas calçadas correndo, núas,
 parallelamente, como o destino differente de muita gente, para a frente,
 para o infinito; uma rua que tem escripto um nome bonito, bemdicto, que sempre repito
 e que rima com mocidade, liberdade, tranquillidade: RUA DA FELICIDADE...

GUILHERME ALMEIDA

Hamburgo - A Symphonia moderna

MARIANNO DE MEDEIROS.

Assente sobre sobre a margem direita do Elba, Hamburgo, a cidade hanseatica, é o porto, escoadouro da riqueza da Allemanha e emporio da sua actividade. Sob o olhar de granito do vigia do Elba, a gigantesca estatua de Bismarck, erguida nas alturas da pequena collina de Mühlberg, o rio corre apressado e de aguas crespas, abrigando os barcos de todas as nações do mundo. A enorme dimensão do porto, ligeiramente encerrado pelo nevoeiro, e a sua pujança formidavel, entreposto mercantil da Europa, enchem de orgulho o allemão, tenaz na reconstituição da prosperidade de ante-guerra.

Ao martellar continuo dos estaleiros, encravados nas molles, que defrontam San Paoli, unem-se as sereias dos navios, entrecortadas pelos apitos das locomotivas que, arrastando, arrastam comboios nos caes immensos. Mil ruidos se precipitam e atropelam no ar, glorificando aquella infrene actividade, como se incontaveis forças humanas e mecanicas se combinassem numa symphonia moderna e gigantesca. Oh musica de Honegger!

Os rebocadores possantes passam e repassam ao meio de navios de todas as bandeiras maritimas, acostados ab caes, carregando e descarregando sem cessar. As cadeias de aço das gruas poderosas enchem e esvasiam o bojo dos transatlanticos e San Paoli todo trabalha no afan de manter regular o rythmo prodigioso do porto, assegurando-

lhe a primasia da actividade commercial da Europa. Nisso consiste todo o esforço da politica economica hamburgueza, mantendo elevados os indices da sua proeminencia.

Com vagar, mas continua e intensamente, trabalha-se para soerguer a marinha mercante e tudo, ali, representa a coordenação dessa vontade energica e decidida. O Observatorio Maritimo, o Hospital do Porto e a moderna architectura, em que se destacam a gigantesca Ballin-Haus e a imponente Chile-Haus, do architecto Fritz Hoeger, são symbolos da grandeza de Hamburgo. Todas essas construcções têm em si a representação das aspirações da Allemanha actual. Nellas se encontra o rythmo harmonico de uma belleza serena, contrastando com o estilo severo das antigas edificações hamburguezs. Chile-Haus não é um capricho architectonico, mas um monumento em pedra alçado á grandeza maritima de Hamburgo, naquella quilha immensa que nasce da terra. Nesses edificios e em todas as demais manifestações da actividade hamburgueza, ha sempre a preocupação dominante e objectiva da grandeza maritima.

E, á noite, enquanto Berlim, a grande metropole, descansa nas terrasses de Kulfjirstendam, San Paoli se refaz da canseira de suas actividades numerosas, na diversão borbulhnte dos dancings e cabarets, que ainda continuam no seu tumulto, a symphonia do grande porto.

INSTRUMENTOS MUSICAES DOS NEGROS NO NORTE DO BRASIL

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

Quem atravessou Africa regista a melomania do negro. Todos os viajantes e missionarios annotaram e descrevem-na. Os Banguellas, Cabindas, Quilôas, Rebôllos, Minas, Moçambiques, Angolas, Congos, Cassangues, Monjolos, sacudidos nos porões dos navios de escravaria, trouxeram para o Brasil o seu canto, as suas danças, as suas superstições. E tudo isto se dilue, num cadinho de tresentos annos, nalma sofrega das creanças, yayás e yoyôs birrentos e mimados aos fartos peitos das Mães-Pretas.

O negro é sobrio nos instrumentos musicaes. Julga-os indispensaveis ao canto, melopéa, lenta, intermina, acalentadora. O indio brasileiro possuia a característica dos instrumentos de sopro. Benbi-chué, Congôera, Uatapú, Inubias, Menbi-tararé, Pemi, Toré, Oufuá são flautas, businas, trombetas. Raros tambores conhece. Os mais afamados ás danças guerreiras eram o Curugú e o Curuqui ou Watapi. O negro, ao contrario, é o grande manejador dos instrumentos de percussão. A sua é festa de batuque. A presença de violas, violões, rebecas e harmonios denuncia ouvido portuguez. Deste é que partiu a linha melodica do Bumba-meu-Boi, Lapinhas, Pastoris e Fandangos. O Fandango nortista é auto maritimo e não dança como em Portugal e Espanha. A orchestra antecede o canto executando o motivo. No folguedo negro a orchestra é de mera função rythmica.

A principal festa negra é o Congos. Não confundir com o grotesco Reisado e Congada sulista. Os Congos do Norte merece estudo. Mesmo como suréalismo. O Maracatú não paga a pena da demora. E' inexpressivo mixto de cordão carnavalesco e vagas remanescencias africanas e mestiças. Quasi perdeu inteiramente o enredo dramatico. Vale como elemento pictorial. Usa o bombo, o gonguê e o ganzá. O Congos é acompanhado pelo ruflo dum tambor militar com duas vaquettas. O bombo, zabumba negro, é pouco empregado nos autos populares. Ou melhor, nunca. Nenhum instrumento de corda é usado nas folganças negras tradicionaes. Para acompanhar um canto isolado somente o ganzá é que se arroja. Nas feiras, simples curiosidade musical, um cantor rosna versinhos com o Berimbau-de-Barriga. O restante segue o canto collectivo, instincto musical da solidariedade. O ganzá é um cylindro de folha de Flandres com pedras, milho ou grãos de chumbo. E' para o negro o que o maracá é para o indio. Nas Macumbas, danças de Oxalá, de Ogun, de Xangô e Oxoxe, de Bahia até Pará, inda vive o surdear sinistro do tabaque. Nalguns Catimbós o tabaque é ignorado. Cantam cadenciadamente, com um pequenino maracá. Tabaque ou atabaque (arabe "attal" tambôr) é da peninsula iberica e esteve figurando com as charamelas (flautas delgadas) e sacabuxas (especie de trombetas) em todas as festas populares portuguezas do século XV a XVII. O tabaque é uma adaptação afro-lusã. O verdadeiro tabaque africano é o ingono. Ingono é a adulteração de Ingomba. Este ingomba é um tambor monstruoso de dois metros, feito de tronco de arvore, munido de cordas derredor da bocca para mais segura tensão das membranas. Toda a ruidosa alegria das gentes da Guiné e do Congo expandia-se no roquejo trove-

jado dos ingonos. Era o supremo animador. Aquelle que cadencia maracatús e sambas. Como diz Ascenso Ferreira:

*Zabumbas de bombos,
estouros de bombas,
batuques de ingonos,
cantigas de banzo,
rangir de ganzás...*

O ingono menor é o zambê. Menor e mais estreito. De som menos forte e duravel. Zambê inda é synonymo de dança. E' o Samba. Samba é mais mestiço apezar do nome, "semba", embigo, donde os nossos sambas de embingada. Nos Maracatús, de Pernambuco para o Sul, o gonguê é igual ao nosso mangonguê. O mangonguê é o menor tambom no vasto arsenal de barulho que o negro adora. E' um pequeno tambem feito de caixa de manteiga, de matte do Paraná, de grampo para arame farpado. Mede palmo e meio a dois palmos. O couro tapa apenas um lado e o mangonguê, batido á mão nua, é trazido um pouco acima do abdomen, preso por uma corda á cintura do tocador. Nos zambês de enjenho de assucar o gonguê é denominado "chama". Tem um som secco, persistente, respondendo ao zambé que é rouco e surdo, reboador e apavorante. Confundem-no com o Puíta. Puíta não é o zambê nem o ingono. Cameron encontrou-o e descreve-o no "Across Africa". O actual é apenas um puítazambê, puíta incompleto e amputado. O legitimo era uma barrica vazia de "farinha do Reino". Numa extremidade a pelle de cabra, bem tesa, tenia como lamina percutada. Atravessava a pelle uma tira de couro de boi, estreita e aspera, cuja ponta sahia em farto palmo fora da membrana. Emquanto um tocador sambeava os punhos num lado da barrica, outro "artista", tendo proximo uma quenga com agua, molhava a mão e puxava a tira. Escorregando a mão attrictava o couro dando uma serie de roncões que se ouvia longe. Era o espanta-somno dos curumins de Natal ha vinte annos passados. O rugido do puíta seria audível a dois kilometros. Foi necessario a intervenção da Policia. Tiraram o rabo ao puíta e conservaram-lhe o nome para consolo.

A synonymia é simples. Ganzá e pau-de-semente. Zambê é ingono, puíta, tabaque. O roncadador, fungador e socador do Maranhão-Pará pertencem de forma e som aos puítas do nordeste. O pererenga de Goyaz e Matto-Grosso é o mesmo mangonguê. O berimbau-de-barriga consiste num fio de cobre sobre um pedaço de madeira. Tocam-no com um pausinho pesado. Amplia-lhe a sonancia uma meia-cuia collada ao ventre nú do executante.

Não conheço nenhum instrumento de sopro que o negro use em suas noites de festa. A impressão é que o negro se liberta da musica para ter mais solta a faculdade de improvisação. O rythmo negro deixa o infinito. Todos os cantos e danças de autos e festejos tradicionaes trazem variantes e modificações para cada ensaiador. Muitas vezes ensaios de syncope pertencem ao "mestre" e não a musica. Não tem elle, refinto melomano, a fidelidade auditiva de espanhol e do lusitano. E nada mais.

PIERO MARUSSIG

EMILIO PETTORUTI

Este illustre pintor triestino, que nasceu sob o imperio de Francisco José, conta actualmente quarenta e nove annos de idade e provem de uma das mais velhas e abastadas familias da flamejante cidade italiana. Não o atormentaram nunca as preocupações materiaes, dedicando-se inteiramente, e com grande amor e entusiasmo á pintura. A sua vida simples offerece paginas biographicas de muito brilho. Trata-se de homem sobrio e pouco communicativo, o que não impede que muitas vezes, numa conversa artistica, se entusiasme e chegue a ser paradoxal. O homem se abre inteiramente. Incansavel trabalhador, possui uma vasta cultura artistica e literaria. Estudou em Vienna, Munich, Berlim, Roma e Paris, tirando das duas ultimas cidades maior proveito em beneficio do seu espirito.

Em Roma estudou os classicos e Rafael em especial, de quem copiou varias obras. Em Paris, atraído pelo impressionismo, vemos orientar-se por essa escola, mas sem chegar nunca á pintura impressionista, o que, por outro lado, não lhe poderia ser possível, pela sua natural inclinação a “ceerrar a linha”. Transformou-se, ao contrario, quando conheceu as obras de Van Gogh e Cézanne, sobretudo as do illustre francez, que lhe alargou a visão impressionista-academica.

Foi então, que o artista, depois de ter visitado os mais importantes museus e galerias da Europa e de ter estudado as novas manifestações artisticas, sentiu a necessidade de abandonar as grandes cidades para retirar-se e trabalhar em contacto com a natureza, podendo assim verificar e justificar os processos dos grandes artistas. Regressa depois á cidade natal e se fixa na sua villa senhorial durante dez annos e, na calma de tão delicioso retiro, seu futuro artistico se identifica idealmente com a evolução da sua sensibilidade e o requinte das faculdades receptoras diante dos aspectos das coisas, e, parallelamente a essa evolução sensorial, vemos como se desenvolve a sua technica.

O estudo constante da natureza faz-lhe compreender que, em pintura, a sensação não reside na côr local, nem tampouco no desenho mais ou menos fiel, senão na justa posição dos tons e na justa relação dos volumes.

Num primeiro momento, Piero Marussig foi um perfeito academico; depois deixou de lado o academicismo e a sua visão evoluiu com o conhecimento e o ensinamento impressionista, mas, repetimos, somente ao conhecer Van Gogh e Cézanne, entrou na phase mais seria da sua vida artistica, a que logo deveria conduzi-lo a integrar-se na sua personalidade.

Depois da guerra, o nosso pintor abandona Trieste e se dirige a Milão, onde apparece com exito marcado, motivando grandes e elogiosos commentarios. Installado ali, o artista define cabalmente a sua personalidade, aquella mesma que se deixara entrever em algumas das suas obras de juventude, que foi perdendo á medida que soffria as influencias das diversas escolas, das quaes só resta o que assimilou para fortalecer o seu temperamento.

Poucos pintores actuaes tiveram um desenvolvimento tão organico, determinado e gradativo como Piero Marussig, resultando dahi que, considerando-se

a sua obra de primeira vista e summariamente, nos diversos aspectos successivos, evidencia-se que no seu desenvolvimento, esse artista não evitou difficuldade alguma. Nota-se em seguida a solidariedade dos varios momentos da sua arte.

As suas tendencias se unem numa unica, que progride dia para dia sem trair-se. Mas, ainda que de tendencia, poderíamos falar, nesse caso, de manifestações pictoricas que amadureceram lenta e espontaneamente no seu espirito. A sua intelligencia aguda, culta e espedita, limitou-se — como acontece com todo grande artista — por natural disposição mais do que pela vontade, a secundar os impulsos do seu temperamento, regulando-os.

Vistas as tendencias e os programmas, é conveniente ajuntar que seria erroneo affirmar, por consequente, que Piero Marussig se tenha extraviado nos movimentos que se produziram no campo da pintura contemporanea; é justo affirmar que os sentiu e determinou, assimilando-os á sua visão. Seu caso é singular em virtude das suas obras terem por um lado o acento subtil das audacias dos nossos tempos, enquanto, pelo outro, se apresentam sob aspecto mais simples e parecem, hoje, compostas numa ordem tradicional.

Eis o que o distingue e impõe.

As experiencias realizadas nos museus e nas mais vivas manifestações pictoricas actuaes, acumuladas durante os dez annos de heroico exilio voluntario, vemos florescer agora, na madureza da sua vida e da sua arte, na pratica, nas obras executadas nos ultimos annos, com um resultado de bellos e profundos valores. E' agora que definem totalmente a sua poderosa personalidade.

Piero Marussig é um dos mais fortes pintores com que conta o “900” italiano.

A PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DO “FAUSTO”, DE GOETHE

Foi commemorado, em Janeiro ultimo, conforme publicamos, o centenario da primeira representação do “Fausto”, de Goethe, que foi a 29 de Janeiro de 1829, em Brunswick, no velho Theatro da Côrte. Essa representação foi devida aos esforços do director do theatro, Klingemann, que, tendo elle mesmo escrito uma tragedia sobre o Fausto, reconheceu a superioridade da de Goethe e, sem a menor susceptibilidade, empenhou-se em representá-la. Goethe, que tinha então 79 annos, não assistiu á representação, amargurado porque esta não se realizou em Weimar.

Para celebrar o centenario dessa primeira representação, na mesma cidade de Brunswick, no castello de Dankwarderode, construido em 861, foi dado o “Fausto”, tendo concorrido para essa festividade representantes do mundo literario e dramatico, por iniciativa do dr. Gessler, intendente do theatro nacional da Prussia e dr. Peterson, presidente da “Goethe Gessellschaft”. Pelo Governo do Reich, compareceu o sr. Severing, ministro do Interior.

Vá-se embora Maria

ANNIBAL MACHADO

— Não convem vir outra vez, nem olhar assim, que eu não gosto. Não fui eu quem chamou você. Você veio porque quiz, e eu ainda não comecei a querer que você venha sempre...

Vá-se embora, enquanto é tempo. Hontem, eu fiquei soffrendo porque você me largou aqui debaixo desses bambuaes. Mamãe está zangada, e antes que eu esqueça mamãe e esqueça tudo, vá-se embora... Depois, será uma vez só, porque, quando eu tiver de agarrar esse corozinho que está aqui perto e já está tremendo, é possível, é quasi certo, Maria, que eu estrangule... que eu estrangule você devagarinho...

— Vá-se embora, Maria.

O MUNDO PELA JANELLA

Os olhos abriram-se... Apareceu uma arvore, uma arvore.

Os olhos abriram-se. Uma porção de cousas e de personagens postaram-se diante do olhar.

Passaram figurinhas depressa. Havia tambem uma grade, uma esquina.

Havia um poste hirto.

Mas tudo tinha uma existencia superficial, duvidosa, como num film quando a orchestra pára.

Depois veio o vento que não era visto, mas que fez bulir as arvores e agitou os vestidos.

Viéram outras aparições.

Os olhos abriram-se e as coisas ficaram existindo.

Tudo parecia alegre. Depois ficou tão triste.

Mas, passou um vehiculo de verdade.

Era apenas uma carroça.

Depois passou um bond querendo fazer barulho. Estava repleto de figuras. Todas em ordem.

Ternura achou meio ridiculo. Mais longe, uma praça em festa. Ternura começou a rir devagar. Riu. As coisas então foram se retrahindo. E perderam a importancia. Ternura continuou rindo. A praça, depois disso, foi ficando uma coisinha atôa. A monta-

nha, com o gado, imperceptivel. As casas e os homens, insignificantes. O mundo foi se reduzindo.

Ficou um brinquedo.

Aquelle bond parecia um bond de presepio. E a terra toda virou um presepio de creança com tremzinhos, pontes, navios e arranha-céos.

ROMEIROS

Passou o comboio veloz. Sumiu-se na varzea. Delle sahiram canticos pelas janeilas. Estava cheio de romeiros.

O machinista não ouvia bem o nome da santa que se louvava nos carros apinhados, mas atirava fumaça e seguia satisfeito. Cruzava com desprezo outros comboios e corria, corria sempre para o sanctuario desconhecido, dentro da sua locomotiva ornada de samambaias.

TRISTEZA

Alem da porta havia o borborinho de 17 andares. A mulher estava sentada. Ternura tambem. Elle observava admirado.

— “Que coisa perfeita?”

Parecia que estava ha seculos ali na poltrona. Que nascera assim inalteravel e nunca morreria.

Ella olhava para as meias, e depois, virando para o tecto, não encontrou o céu para olhar.

— “Que coizinha perfeita.”

Ella não tinha ninguem no pensamento. Mas, diante de seus olhos, o unico exemplar humano era João Baptista Ternura. O acaso concedeu a elle esse favor.

— Eu, reflectia Ternura, sou um homem que está sendo agora visto por aquella mulher. Com certeza, ella está vendo a minha gravata e o meu nariz. E' pena a poeira e o estrago das minhas botinas. E' pena eu não poder falar.

A luz diminuiu. Passou um criado de libré. A sala parecia um aquario. A mulher era doirada como um peixe. Ternura concertou a gravata.

Certo momento, quando o hotel virou de cabeça para laixo, Ternura tirou-a daquelle hall e foi morrer com ella longe, devagarinho.

Depois, tudo voltou a si. Ternura recomeçou. A mulher ainda esperava. Com a demora, a luz ia-se enchecendo em seu vestido, e a poltrona, que prolongava o corpo della, doirou-se toda. E porque não apparecesse mais ninguem, Ternura possuiu-a sem se mover. Uma aventura abstracta. Nisso, chegou um homem positivo e grande. O qual pegou-a pelo braço e carregou com elle. Ternura ficou triste. Depois, sahiu pela mesma porta e andou pela noite.

Quasi de madrugada, chegou a uma conclusão: "Garanto que é o dono della. Ah! eu sou muito observador. Coitadinha."

FUTEBOL

O echo do tiro perden-se na varzea. O homem estava cahido na porteira. A mãe prohibiu que as creanças fossem ver mas ellas fugiram. Ternura corria, vendo as barbas do criminoso, vendo a pallidez do criminoso. E, ao rythmo dos passos, ia repetindo oppresso: "Deus não quer que mate. Deus não quer que mate... Só quem mata é Deus."

Junto á porteira, na noite, os homens estavam tristes porque déram cabo de um homem. Todos voltaram depois ao encontro de uma lanterna que ia descendo a serra. Ficaram sós as creanças. Houve pavor quando uma dellas annunciou que o assassino estava perto, debaixo do ingazeiro, tomando nota para matar os outros.

* Ternura espiou...

Ah! Só quem mata é Deus!... O corpo apparecia de borco.

A bocca beijava o chão. Ternura abriu os olhos espantados.

— Mas o homem está perfeito! Olhou-o mais, sem horror, com sympathia. Tomou coragem. Approximou-se. Fez intimidade. Tirou-lhe do bolso uma caixa de phosphoros. Pitou um cigarro delle. Cotucou-o com o dedo. Estava frio! Ora essa! Sacudiu-o. Queria que elle dêsse um signal. Que brincasse tambem.

Nada.

Juntaram-se os moleques. Pucharam-no. O defunto fez um signal com a cabeça. Não queria brincar. Empurram daqui, empurram de lá. Somno pesado.

"Chûta elle ahí, Manoel..."

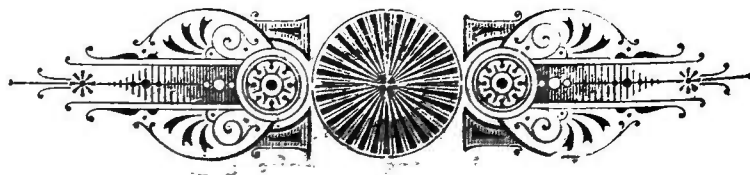
(De João Ternura, lyrico vulgar)

1º CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA

Por ocasião das festas commemorativas do centenario da Academia Nacional de Medicina, em Junho vindouro, realizar-se-á o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, por proposta do prof. Miguel Couto. Compreenderá tres secções: Anthropologia, Heredologia e Educação, presididas, respectivamente, pelos professores Fróes da Fonseca, Alvaro Osorio de Almeida e por um terceiro nome, que substituirá o saudoso prof. Amoroso Costa. O secretario-geral será o dr. Renato Kenh.

São os seguintes os temas desde já propostos para estudo do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia:

1 — Movimento eugenico moderno — Conceito da eugenia — Organização pratica da acção eugenica. 2 — Typos da população do Brasil. 3 — Índice Lapique — Radio-pelvico e indice tibio-pelvico. 4 — Estado actual da questão dos grupos hemáticos. 5 — O conceito da especie. 6 — Escama, pelle, penna. 7 — Genetica vegetal. 8 — Sports em Zea-Mais. 9 — Metabolismo basico nas raças. 10 — Applicaçãõ humana das leis do cruzamento. 11 — Os preconceitos anti-raciaes. 12 — Variação e herança no homem. 13 — A raça no ponto de vista anthropologico e no ponto de vista sociologico. 14 — O feminismo e a raça. 15 — Educação moral e eugenia. 16 — Educação eugenica em geral. Consciencia da responsabilidade eugenica na familia, nas escolas, nas universidades. 17 — Educação sexual e eugenia. 18 — A esterilisação eugenica nos tarados e criminosos. 19 — Regulamentação eugenica do casamento. — Idade, consanguinidade, mistura de raças, estado physico e mental — Exame pre-nupcial e certificado medico — divorcio. 20 — Regulamentação economica do casamento — Seguro contra doenças, instituição do peculio de educação — O lar cooperativista. 21 — As mães solteiras, sua protecção e dignidade — Pesquisa da paternidade — Penalidade pecuniaria na fecundação extra-legal. 22 — A maternidade consciente. 23 — O lar adoptivo. 24 — Delicto de contaminação. 25 — Protecção fiscal e administrativa dos lares sadios. 26 — Protecção social da maternidade — Refugios cantinas, abrigos, maternidades, o seguro da procreação. 27 — O aborto perverso e industrial. 28 — Applicaçãõ das leis de Mendel ás doenças. 29 — O controle dos nascimentos (birth-control). 30 — O problema eugenico da immigração. 31 — A mortalidade infantil. 32 — Da selecção social. 33 — Registro individual e registro genealogico da familia. 34 — Politica eugenica. 35 — Luta contra os venenos da raça. 36 — Luta contra as doenças venereas. 37 — Luta contra as doenças mentaes. 38 — Estatistica dos tarados do Brasil (cégos, surdos-mudos, de-beis mentaes e atrasados, epilepticos, toxicomanos, alienados, vagabundos).



COMO PENSAM OS ESTUDANTES BRASILEIROS

Continuamos o inquerito iniciado no numero anterior, sobre o pensamento dos nossos estudantes.

1. FRANCISCO MANGABEIRA

O sr. Francisco Mangabeira, da Faculdade de Direito, director da revista *Cultura*, prende-se ao comunismo, julgando-o a primeira realização de uma nova ordem social, cujo campo de acção não é absolutamente nacional, mas, ao contrario, essencialmente internacional, acreditando a união sovietica a pátria de todo o proletariado consciente e a sentinela avançada da revolução mundial. Quando lhe perguntamos o que pensava do movimento politico brasileiro, disse julgar que não ha propriamente um movimento politico particular brasileiro. Como têm um caracter essencialmente internacional as relações economicas modernas, todas as questões sociaes e politicas obedecem ao mesmo caracter internacional. Todo esse internacionalismo prende-se á luta de classes; ao conflicto entre o capital e o trabalho, cada vez mais intenso e que conduzirá fatalmente á revolução socialista. Como acredita ser inevitavel uma guerra, dentro de pouco tempo, entre as grandes potencias, pela necessidade que têm de explorar os mesmos mercados; como julga tornar-se cada vez mais intensa a oppressão imperialista e como a burguezia nacional acabará por collocar-se ao lado dos capitalistas estrangeiros, crê que a marcha revolucionaria se accelera de modo verdadeiramente imprevisto.

Perguntamos como encarava a reacção fascista e nos disse elle parecer um esforço louco do moribundo regime capitalista para levantar-se, devendo este, por iso mesmo, faltar mais depressa do que, geralmente, se julga.

Citou depois os nomes de Marx e Engels, como os dois philosophos que mais influencia tiveram no seu espirito e, quanto aos seus escritores predilectos, referiu Shakespeare, Goethe e Anatole France.

Por fim, pedimos a sua opinião sobre o movimento moderno do qual se manifestou francamente adversario e, de um modo geral, contrario.

2. MAURICIO GOULART

O sr. Mauricio Goulart, 4º annista da Faculdade de Direito de São Paulo, é um espirito paradoxal, que começou por pregar a insinceridade, desde que seja esthetica. As suas opiniões, preveniu-nos, não têm o merito da coherencia e disse não ser impossivel que, no dia seguinte, contrariasse quanto nos affirmou. E' radicalmente anti-religioso e julga toda religião um mal, sendo, nesse particular, um revoltado e por isso mesmo a sua unica intransigencia. Prefere a philosophia budhista do não-ser, mas, uma vez que se existe, vale mais o epicurismo, tirar da vida tudo que nos póde dar de melhor. Está com Omar Khayam.

Sobre a questão social, disse-nos que julga o bolchevismo uma utopia romantica, sendo aristocrata e monarchista. Não crê nas dictaduras actuaes, porque o povo, com a crescente consciencia que tem, derrubará, infelizmente, os chefes. O proprio bolchevismo não o julga uma fórmula definitiva, mas uma experiencia que se passa na Russia — uma peça de *humour*, ridiculo, hypocrisia, encobertos num manto de tragedia e sinceridade.

O phenomeno brasileiro, o sr. Mauricio Goulart vê com optimismo, pois diz que tudo indica que seremos uma das primeiras nações do mundo. Acha necessarios

os partidos opposicionistas, embora, chegando ao poder, procedam da mesma fórmula por que governam os que combatem hoje. Acha que temos governos honestos e entramos num regime de administrações sabias. Quanto aos erros politicos, é dos homens errar... Conclue, com Nietzsche: "não creio na seriedade da praça publica."

Sobre o modernismo, como quasi todos os seus colegas, louvou francamente, embora condemne os excessos, que justifica aliás. Temos que fazer alguma coisa mais nossa, tirando dos hombros os apertados suspensórios da grammatica portugueza. Ainda não se fez uma obra verdadeiramente brasileira. Quando lhe perguntamos os seus autores predilectos, limitou-se a citar Sud Menucci e Amadeu Amaral, não referindo estrangeiros, por nunca ter soffrido influencias muito decisivas, salvo talvez a de Oscar Wilde. Justificou a insinceridade na arte, pois o lado esthetico deve prevalecer sobre o humano.

Por fim, interrogado sobre o nosso ensino juridico, disse ser ainda falho, mas irá se modificando e melhorando gradativamente, graças sobretudo ao espirito novo dos estudantes.

3. ABEL RIBEIRO FILHO

O sr. Abel Ribeiro Filho, do 5º anno da Escola Polytechnica, começou a sua entrevista por nos dizer que é materialista e não tem preocupações de ordem philosophica. Aceita a causalidade de todos os phenomenos e dahi, na ordem social, desenvolvendo-se o capitalismo fatalmente se desenvolve a classe operaria, resultando o choque entre ellas, cuja unica solução lhe parece ser a revolução proletaria. Esse phenomeno é de ordem geral e o Brasil não apresenta um aspecto particular do problema, pois dada a causa — desenvolvimento de capitalismo, luta de classes, etc. — verificar-se-á o effeito, que é a solução communista.

Interrogado sobre o movimento modernista, declarou o seu entusiasmo por elle, em particular no que se refere á musica moderna e ajuntou a sua repulsa a todas as expressões academicas. Sobre as grandes figuras que influíram no seu espirito referiu, no Brasil, Euclides da Cunha e, no estrangeiro, Marx, que conhece, aliás, através dos seus discipulos, e Lenine.

Quando lhe falamos do ensino de engenharia, respondeu-nos que o considera falho, sobretudo devido á deficiencia de meios de que dispõe. O ensino theorico é bom, mas o experimental resente-se de varias falhas e deficiencias.

4. CHRYSANTO MOREIRA DA ROCHA

E' o sr. Chrysanto Moreira da Rocha, 6º annista de Medicina. Respondendo ao nosso inquerito, sobre o lado religioso e philosophico, disse-nos que, nesse particular, nunca teve preocupação. Quanto ao problema social, ainda que veja com sympathia, faz grandes restricções ao communismo e crê que, no Brasil, resolveremos os nossos problemas com a democratização do regime e a representação de classes. (Não offerecemos propriamente um caso particular, pois ha paizes em condições inferiores. Dentro de um liberalismo seguro e com administrações honestas, progrediremos resolutamente, sem necessidade da solução revolucionaria.

O SENTIDO DA ANTHROPOPHAGIA COMO O EXPLICA OSWALD DE ANDRADE

a chamal-o de "homem inferior", sem aferir as suas
Um dos nossos redactores teve ensejo de ouvir, em São Paulo, Oswald de Andrade falar das tendências do movimento de anthropophagia, que encabeçou e orienta. Antes de tudo, explica que não se trata de uma acção litteraria, coisa que, no Brasil actual, seria esforço mesquinho e inaproveitavel, mas de uma tentativa para renovar, ou modificar a mentalidade brasileira, depois de verificadas as verdadeiras contribuições do indio, antes da catechese, do indio pagão por assim dizer. Não teria elle, pergunta Oswald de Andrade, trazido um sentido proprio da vida, differente, mas tão forte quanto o que nos deram as outras civilizações? E não será essa a tendencia brasileira o que nos permite opporrtunidade unica de oferecer ao mundo uma sabedoria nova, quando abrem fallencia todas as formas da civilização occidental, sem que a oriental nos possa dar, por igual, qualquer seiva rejuvenecedora? O autor de "Pau Brasil" affirma que, tambem elle, não diz que assim seja, mas acredita, com seus companheiros, que está ahí um filão precioso, cuja descoberta deve ser o esforço brasileiro, em varias gerações. E' myster estudar o indio, não o indio romantico de Alencar, mas o anthropophago, através de toda a documentação existente e, se possivel, na sua vida ainda real, para chegar a conclusões positivas. Não podemos continuar possibilidades. Mostrou-nos, então, Oswald de Andra-

de as suas convicções, em torno da hypothese anthropophagica. Não será o nomadismo, que, em geral, se cita como indice de inferioridade, uma expressão de grande civilização? Não estará, no homem, que abandona a historia, desprezando o passado, e se descuida do futuro, para viver a hora presente, o ser mais sabio da especie? Depois, o amor á força, ao vigor, ao triunfo, tudo isso não indica um sentido muito alto da vida? E as suas lendas, não são ellas de uma philosophia tão profunda, quanto a dos maiores criadores das nossas civilizações? E, no amalgame do indio com os conquistadores, não teria havido immensas contribuições do sangue vermelho? São Paulo não será uma significativa demonstração?

Taes são, em synthese, as perguntas da hypothese anthropophagista, conforme nos formulou Oswald de Andrade. Não vamos discutil-as, nesta nota, apenas de informação, em que procuramos reproduzir com fidelidade uma conversa com o escritor paulista. Mas, quaesquer que possam ser as divergencias com o movimento anthropophagista, se, realmente, elle se propõe a estudar fundamente a contribuição indigena, sejam tambem quaes forem as conclusões do seu programma de trabalho, é irrecusavel o valor do seu programma de trabalho, como de todos os que contribuirem para o conhecimento anthropo-sociologico do Brasil.

Em relação ao movimento modernista, disse-nos o sr. Moreira da Rocha que não o sentiu inteiramente, mas, em litteratura, acompanha com entusiasmo todo esse esforço de libertação.

As figuras que mais o impressionaram foram, no estrangeiro, Claude Bernard e Anatole France e, no Brasil, Euclides da Cunha e Graça Aranha. Por fim, quanto ao ensino medico, disse-o deficiente, sobretudo pela falta de hospitaes. O ensino theorico se resente tambem de muito archaismo. As tentativas feitas pelos estudantes, para participar das congregações, o que seria para estas uma poderosa contribuição da parte mais interessada, fracassaram pelas difficuldades officiaes que lhe foram oppostas, fracassando assim um dos meios, que lhe parecem mais uteis para a renovação.

5 LUIZ AUGUSTO DE REGO MONTEIRO

Quinto annista de direito e antigo presidente do "Centro Candido de Oliveira", o sr. Luiz Augusto do Rego Monteiro começou a sua entrevista declarando-se catholico integral. Julga que as fórmulas politicas estão exgotadas e dahi os exotismos desta hora, em que falham as democracias. Acha que só pela constituição das elites intellectuaes a humanidade poderá se soerguer. Falando do problema social, na Europa, vê, lá, o grande laboratorio dessas questões. Acredita o bolchevismo um phenomeno anti-occidental e anti-europeu, estando, com Spengler, quando affirma que a revolução russa é a volta ás fontes asiaticas. O bolchevismo não é europeu, mas asiatico. Pôde ser, como affirma Kayserling, que o marxismo seja uma doutrina economica europeá, mas o bolchevismo é um phenomeno racial, asiatico, de natureza tartaro-molgolica.

Não esconde as suas sympathias pelo fascismo, que julga a mais prudente das dictaduras e não o tem como

caso particular italiano, mas acontecimento europeu. Observa a sua prudencia na erganização das leis sociaes e vê, com entusiasmo, a collaboração dos intellectuaes na suprema direcção do paiz. Quanto ás demais ditaduras europeas, acha que são movimento militares ainda sem caracterização.

Falamos, então, do caso brasileiro e o sr. Rego Monteiro replicou, resolutamente — a solução brasileira, como a compreendo, consiste em equacionar todos os seus factores dentro do catholicismo integral, que formará a consciencia nacional e essa determinará as soluções adequadas. E' anti-democratico e, como lhe perguntassemos sobre a fórmula a ser adoptada, disse que isso será funcção das elites, que se devem formar, dentro do espirito catholico.

Quando indagamos quaes as figuras directoras do seu espirito, respondeu-nos que sempre se norteou pelo pensamento philosophico e citou os nomes de Aristoteles, Santo Thomaz e Augusto Comte, acentuando que a systematização deste foi uma poderosa contribuição para a sua formação. No Brasil, mencionou Farias Brito, Teixeira Mendes e o padre Natuzzi, que lhe parece a maior cultura philosophica da America, opinião que viu partilhada tambem por Teixeira Mendes.

Do modernismo teve palavras de exaltação. Magnifico, demonstra a vitalidade intellectual de maneira esplendida. A arte vive pela renovação incessante.

A nossa ultima questão, sobre o estudo juridico, affirmou que a tendencia é para fabricar profissionaes, ao invés de ser um foco de alta cultura juridica, abstraindo o lado causidico e convencional das leis passageiras. Deve-se lhe imprimir uma cultura sociologica e acentúa a lastimavel ausencia de uma cadeira de anthropologia.

A GRAMMATICA DA ACADEMIA

A Academia Francesa resolveu fazer uma grammatica. Logo a nossa imitou. Sempre a fatidica macaqueação, pela qual devemos seguir, em vassalagem servil, tudo que a Europa nos manda. Para que uma grammatica? Já possuímos muitas, algumas das quaes boas e a maioria dellas detestaveis. Replicarão que a Academia vae legislar, tirando as duvidas persistentes. Em primeiro logar, a Academia não tem autoridade para isso, afastada como está do movimento intenso das letras brasileiras, sobretudo no que se refere á lingua, que é um dos pontos fundamentas do modernismo triunfante. Como se sabe, entre os escritores modernos, duas tendencias se determinam claramente: uma, acreditando que a lingua brasileira se afasta totalmente da portugueza, tem vida propria, incorpora ao seu patrimonio toda a contribuição de outros idiomas, que nos trazem milhares de bocas dos immigrants e estrangeiros de toda especie, que se deforma no meio ardente do Brasil e assim se constróe; outra, mais radical, vae directamente á expressão popular, ao modismo e, para reagir, procura partir dessa fonte para a formação da lingua do Brasil. Ora, a grammatica da Academia não virá considerar taes phenomenos que, psychologicamente, nada têm de passageiros, antes tudo virá da resultante dessas forças dispareas e poderosas. Em segundo logar, uma grammatica academica deveria ser, como será a franceza, uma obra de centralização, que, no Brasil, é impossivel. A grammatica do **petit Trianon** será, como as outras, ou peor do que as outras, porque muitas vezes fugirá prudente e academicamente ás difficuldades. A lingua que falamos é grossa, violenta, barbara, não póde ser tratada por homens de fardão e espadim, em passos de minueto. Inutil essa grammatica.

Damos abaixo as bases adoptadas, apresentadas pelo illustre sr. João Ribeiro, cuja intelligencia aguda sempre levou na mais alta conta o movimento modernista, o que poderia constituir uma garantia para que não se perdesse esse novo trabalho, se outras e muitas outras interferencias academicas não anulassem todo e qualquer esforço proveitoso naquella companhia. A Grammatica chamar-se-á, como o dictionario, **Grammatica brasileira da lingua portugueza**, mas, naturalmente, como o dictionario, esse brasileiro é só para atrapalhar.

Eis as bases adoptadas:

1ª — A grammatica da Academia será quanto possivel um livro pratico, destinado ao uso commum.

2ª — Como consequencia do primeiro artigo, serão excluidas todas as questões de pura erudição philologica.

3ª — O objecto essencial da grammatica versará sobre a syntaxe da lingua.

4ª — Os trabalhos serão divididos em quatro secções principaes: **orthographia**, **prosodia**, **morphologia** (incluida a classificacão) e **syntaxe**.

5ª — Será conveniente separar as duas primeiras partes a **orthographia** e a **prosodia** para estudo ulterior.

6ª — O estudo da **morphologia** (e classificacão) deve ser simultaneamente feito com o das flexões nōminaes e verbaes.

7ª — A base anterior (base 6ª), não impede que sejam feitas annotações syntacticas, que pareçam indispensaveis.

8ª — A orthographia adoptada será a do dictionario já em começo de elaboracão.

9ª — Na parte da **prosodia** será adoptada a pronuncia geral brasileira.

10ª — A distribuiçã dos trabalhos será feita pelo presidente da commissão.

11ª — Os trabalhos parciaes apresentados serão submettidos á critica e á approvaçã da commissão e depois á do plenario.

12ª — Convirá, para regularidade e efficiencia do trabalho, que a commissão requisite da Academia livros essenciaes, brasileiros ou portuguezes. — **João Ribeiro** — **Ramiz Galvão** — **Humberto de Campos** — **Alôysio de Castro** — **Gustavo Barroso**.

EMILIO PETTORUTI

Encontra-se entre nós Emilio Pettoruti. Nome conhecido e admirado no Brasil, onde sabemos a sua poderosa actuação no movimento renovador argentino, Pettoruti vae, em breve, dar, ao publico brasileiro, um ensejo de admirar-lhe a obra poderosa e suggestiva, nas exposições, que fará no Rio e em S. Paulo. Além de grande pintor, Pettoruti é tambem um critico de arte e as suas excellentes collaborações nesta revista são disso alto testemunho.

Resistencias Moraes

TEIXEIRA SOARES

As raças fortes, em que a educação physica, intellectual e moral attinge a uma admiravel culminancia, podem revelar virtudes desenvolvidas e exercitadas nas mais imperiosas circumstancias. Essas virtudes correspondem ao commando da intelligencia de uma maneira rapida e firme. Ellas formam, nos momentos difficeis, as grandes consciencias. A rectidão da espada, a nobresa dos intuitos, o desapego de muita coisa material, o desprezo pelas quinquilharias e europeis não se encontram facilmente nas nações democraticas, de base capitalista, em que abrir caminho ás cotovelladas, pisando pés alheios, parece a melhor regra para tomar de assalto as posições de commando ou as de accommodatismo. E' defeito das democracias: governando as mássas, natural é que vençam os que sabem ser importunos, cacetes, palradores, exhibicionistas, bem ou mal nascidos, procurando chamar sobre si a attenção alheia.

Um dos apóstolos do egoismo, homem que cultivava a orchidea artificial do amor proprio, o famoso George Moore disse que "self-love, man's guardian angel"... (o resto não tem importancia; advinha-se facilmente).

O livro de D. Carolina Nabuco constitue uma dessas lições que a gente moça do Brasil deve ler com emoção. O homem admiravel que triumphou pelas suas virtudes publicas, conhecia como ninguem a arte mysteriosa de dominar as mais rebeldes multidões. Magnetizar serpentes é mais inoffensivo do que agitar e vencer uma multidão. Desinteresse, commando e sensibilidade: eis o apanagio de Nabuco.

Ainda agora, um antigo diplomata francez, A. Gerard, no seu livro "Mémoires d'un Ambassadeur de France", contando coisas a respeito do Brasil, onde serviu nas presidencias de Floriano e Prudente de Moraes, refere-se calorosamente á figura de Nabuco e Taunay, com quem teve relações seguras.

Um extraordinario exemplo nacional faz pensar em outro bello exemplo estrangeiro.

O "Times" está publicando as "Memorias" de Lord Haldane, Richard Burdon Haldane, 1º Visconde Haldane — estadista, philosopho e jurista, reorganizador do exercito britannico, ao qual deu novo espirito tornando possivel a obra pratica de Kitchner — ao lado de Bradley e Frazer, uma das mais fortes intelligencias philosophicas do seculo XX, na Inglaterra.

Essas memorias leem-se com interesse e despertam viva curiosidade. Vencem pela sobria persuasão do estylo narrativo.

Pois bem, Haldane foi, durante muito tempo, accusado de germanophilo, antes de 1914. Ao aceitar o Ministerio da Guerra, no gabinete Asquith, viu-se injuriado, enxovalhado, ridicularizado, ameaçado. Centenas de cartas entravam em sua casa, accusando-o de accionista dos Krupps. Finalmente, uma dellas declarava-o parente do ex-kaiser Guilherme.

Ha um momento doloroso na sua vida. Um desses momentos luminosos.

Eis o que elle diz no seu diario:

"Fiquei sozinho no meu gabinete (em 1919). Fôra, toda a Londres rejubilava. As tropas britannicas tinham regressado a Londres tendo á frente, a cavallo, em companhia do Rei, o victorioso General Douglas Haig.

"A' noitinha o creado entrou e disse que um official queria vem-me, mas não queria dar o nome. O creado era cauteloso com pessoas estranhas, nesses dias. Ordenei que fizesse entrar o visitante.

"Aberta a porta, e quem poderia entrar senão um amigo que eu conhecia muito, o Feld-marechal Sir Douglas Haig, que regressara de um passeio triumphante com o seu Soberano.

"Não fico muito tempo", disse elle. "O meu fim é deixar um livro no qual escrevi alguma coisa."

"Insistiu em partir. O livro era um volume contendo os seus despachos, e no frontespicio escrevera elle as seguintes palavras affectuosas:

"A Lord Haldane. — O Maior Secretario de Estado da Guerra que a Inglaterra tem tido. Com grata lembrança dos seus felizes esforços de organizar as forças militares para uma guerra no Continente, mau grado muita opposição do Conselho do Exercito e o apoio dos amigos deste no Parlamento. Haig, F. M."

Na vida de Nabuco houve alguns incidentes, verdadeiramente admiraveis, que se podem comparar com o que acima se referiu de Lord Haldane. Resistir á vulgaridade democratica, nos tempos que correm, já é sobrehumana virtude.

REPERTÓRIO



HOOVER, O 31º. PRESIDENTE DOS ESTADOS-UNIDOS

A 4 do corrente assumiu a presidência da Republica dos Estados Unidos, o sr. Herbert Clark Hoover, o trigesimo primeiro cidadão eleito para a suprema magistratura da grande nação, contando-se duas vezes o nome de Cleveland, que exerceu dois mandatos com intervalo de um quadriennio. Dos 30 presidentes, até o sr. Hoover, preencheram o tempo do seu mandato: Washington, reeleito, Adams, Jefferson, reeleito, Madison, reeleito, Monroe, reeleito, J. G. Adams, Jackson, reeleito, Von Buren, Polk, Perce, Buchanan, Grant, reeleito, Hayes, Cleveland, Cleveland outra vez, Roosevelt, eleito depois de ser vice-presidente em exercicio, Taft, Wilson, reeleito, e o sr. Coolidge, reeleito, depois de terminar, como vice-presidente, o mandato de Harding.

Harrison, que tomou posse a 1841, foi presidente só um mez, morrendo aos 68 annos de complicações hepáticas. Taylor, inaugurado em 1849, governou um anno e 4 mezes, fallecendo com 65 annos de febre biliosa. Lincoln foi assassinado com um mez e 11 dias de segundo periodo presidencial; Garfield com dous annos e tantos, Mac-Kinley, com 6 mezes e 10 dias, e Harding, que morreu, depois de 2 annos e 5 mezes de governo. Assim, dos seis presidentes que morreram no posto, tres foram assassinados. O sr. Coolidge foi o sexto vice-presidente feito presidente. O primeiro foi Tyler, democrata, que succedeu a Harrison em 1841, governando 3 annos

e 11 mezes. O segundo Filmore, que substituiu em 1850 a Taylor, presidindo a republica dous annos e sete mezes. O terceiro Johnson, successor de Lincoln, republicano, governando 3 annos e 10 mezes. O quarto Asthor, que continuou o tempo que faltava a Garfield, tendo uma presidencia de 3 annos e 5 mezes. O quinto Roosevelt, que succedeu a Mac Kinley, governando dous annos e 5 mezes sendo depois eleito presidente para o quadriennio seguinte, o mesmo acontecendo com o sexto, que foi o sr. Coolidge.

O presidente Hoover chega ao governo com 55 annos, mais 4 do que o seu antecessor, quando assumiu o poder. Washington, quando tomou posse, tinha 57, Adams 61, Jefferson 57, Madison 57, Monroe 58, T. S. Adams 57, Jackson 61, Van Buren 59, Harrison 68, Tyler 59, Polk 49, Taylor 64, Filmore 50, Rince 48, Buchanam 65, Jackson 56, Grant 46, Hayes 54, Garfield 49, Arthur 50, Cleveland a primeira vez 47 e a segunda 55; Harrison 55, Mac-Kinley 54, Roosevelt 42, Taft 51, Wilson 56 e Harding 55.

O sr. Hoover é o primeiro engenheiro, que chega a presidente da grande republica. O sr. Coolidge é um advogado e homem de leis, como Adams, Jefferson, Madison, Monroe, o segundo Adam, Jackson, Von Buren, Tylor, Filmore, Pierce, Buchanam, Lincoln, Garfield, Arthur, Cleveland, Harrison, Mac-Kinley, Taft, Adams começára, porém como professor primario, Filmore e Johnson como alfaiate, Lincoln, como lenhador, Garfield, Arthur, Cleveland, como professores; Washington era proprietario agricola; Roosevelt publicista, Wilson professor, publicista, historiador e constitucionalista; Harding, jornalista e director de jornal, Harrison tinha sido militar, e era proprietario agricola quando foi eleito e Grant militar. O sr. Coolidge foi o 21º homem de leis, jurista, advogado ou juiz, que subiu á Presidencia dos Estados Unidos. Assim só nove não foram bachareis, tres agricultores, um

general, um alfaiate, tres jornalistas e publicistas e, agora, um engenheiro.

AS MULHERES NO GOVERNO

O movimento feminino é cada vez mais triumphante, sobretudo nos paizes anglo-saxões.

Presume-se que no actual governo americano a collaboração feminina seja mais accentuada que nos predecessores.

A razão disto é que o sr. Hoover, como Secretario do Commercio, apreciou, em alto gráo as qualidades de espirito da mulher e em certos cargos de investigação, em melhor situação que os homens.

Assim é que nos circulos commerciaes americanos existe uma joven que é reconhecida como uma das pessoas mais bem informadas em assumptos de frutos tropicaes e sub-tropicaes e como perita em problemas de valorisação de café brasileiro. O cargo de assistente chefe da secção do commercio de fumo é exercido por uma mulher.

Outras exercem funcções identicas como peritas no commercio de nitratos e anilinas e a principal assistente da secção de investigações de tarifas estrangeiras é uma mulher.

Outras oportunidades em negocio se apresentam continuamente para as mulheres.

A eleição de mulheres para as camaras legislativas como para os cargos executivos tornou-se tão commum quanto a eleição de homens e o que é mais admiravel é que a mulher moderna entregue ás suas novas occupações não se despreocupou da belleza do seu "home" nem se deixou de vestir com melhor elegancia.

UMA PROPOSTA DE GHANDI

Ghandi, o infatigavel defensor da autonomia indiana, recentemente obteve que o Congresso nacional indiano adoptasse a resolução de organizar um movimento de não cooperação economica

e recusa ao pagamento de impostos, caso a Grã Bretanha não aceitasse até fins deste anno o projecto de constituição elaborado pela commissão Nehry, dando á India os estatutos dos Dominios.

A ESPADA DE SCANDERBEG

Noticia o "Neus Wiener Tagblatt" que o rei da Albania enviou um delegado a Viena para o fim de pedir ao governo austriaco a cessão mediante uma somma vultuosa da espada e elmo de Scanderbeg, conservados no museo de artes historicas, na magnifica collecção de armas antigas organizada pelos Habsburgos. Ahmed Zogou I° desejaría cingir o elmo e a espada do heroe albanez na cerimonia de sua coroação, em Croia, patria de Scanderbeg, em abril proximo.

O casco de Scanderbeg é encimado por uma cabeça de cabra cinzelada e dourada, rodeada de uma larga cinta de couro, ornada de rosetas e trazendo iniciaes cuja significação não foi ainda completamente interpretada. A espada é longa e larga e ligeiramente recurvada, possuindo na parte superior da lamina incrustações em ouro com ornamentos de grande interesse.

OS ESTADOS INDEPENDENTES DA INDIA

E' sabido que a India, conquanto submettida á Inglaterra, possui alguns territorios independentes, sob o governo directo de seus principes. A Inglaterra seguindo sua tradicional politica deu a esses principes a liberdade de dirigir a sua politica interna com a unica condição de se manterem leaes para com a potencia protectora. Como, porem, a Inglaterra os privou de toda força militar deu-lhes em troca a segurança de que os protegerá em caso de perturbações de ordem interna ou externa. Entre estes estados figura o Nizan com população superior á da França. A liberdade que possuem estes principes e a sua segurança, contribuem para tornal-os absolutos e dessa forma abusarem dos direitos dos seus subditos.

Para defesa dos interesses dessas populações submettidas aos principes independentes esteve, ha pouco tempo em Londres o professor Abhyankar que foi narrar aos membros do Parlamento britânico a situação de seus conterraneos.

Este professor salientou a situação de atrazo em que se acham esses estados, onde a monarchia é absoluta e onde os direitos mais elementares são negados ao povo. Acrescenta o snr. Abhyankar que não ha liberdade pessoal, nem segurança para a propriedade, nem independencia judiciaria, nem governo representativo e todos os recursos do es-

tado estão a disposição dos soberanos sem nenhum contróle. Queixa-se de que o governo protector, retirando aos rajahs toda a força militar, deu-lhes em recompensa a mais completa indulgencia para usarem e abusarem de seu poder autocratico sobre o povo. Não interveni nas questões internas nem permite ao povo qualquer acção directa. Enquanto isso na India britanica o povo é educado, obtem direitos politicos e reclama ainda que o estatuto de um dominio seja concedido á India.

Pede, pois, o professor indu que os estados indús sejam tratados igualmente e da mesma forma que a India submettida ao poder britanico. Para isso obrigue os soberanos independentes a abandonar a forma autocratica e a adoptar os governos responsaveis. Caso o governo britanico não queira tomar esta iniciativa, deixe, pelo menos, que o povo constanja seus soberanos a lhes conceder os direitos politicos. Para este fim appella tambem para a Liga das Nações.

ELISABETH, DA INGLATERRA, FOI UM HOMEM?

O pintor norte-americano, John Quinn, que viveu muito tempo na Inglaterra, escreveu em São Francisco *Chronicle*, um curioso artigo, em que argumenta em favor da these, que já occupou e preocupou Oxford e Cambridge, de ter sido Elisabeth um homem. E' que, diz elle, quando Anna Bolena deu a luz Elisabeth, o rei Henrique IV não estava presente, em Greenwich Court, mas em Hampton Court, onde soube do nascimento de Elisabeth. Logo depois de nascida, a filha de Anna Bolena morreu, antes da chegada de Henrique IV, o que apavorou os medicos de Greenwich Court, que, receiando a colera real, que lhes custaria por certo a vida, urdiram um plano. Procuram uma criança para substituir a fallecida. Puzeram-se em campo, em busca de uma menina, nascida no mesmo dia, mas, como não encontrassem e fosse premente o tempo, lançaram mão de um garoto, que, foi educado como menina, para ser depois a gloriosa rainha da Inglaterra. Só os medicos e os camareiros souberam do segredo, que ficou para a historia decifrar.

E' por isso, explica o pintor, que Elisabeth foi sempre indifferente á córte dos seus innumerados admiradores, era um temperamento aspero e viril, capaz de esbofetear cortezãos, como o conde de Essex, e bater nos grandes do reino, quando a desagravavam. Dahi, o seu palvreado grosseiro, na "voz masculina dos marinheiros inglezes", o seu amor

pelas bebidas alcoolicas e pelo fumo, tendo fumado todos os primeiros cigarros que Raleigh trouxe á Inglaterra.

UMA ESTATUA A' SENHORA PANKHURST

O sr. Stanley Baldwin, primeiro inglez, prometteu inaugurar, na extremidade de Downing Street, depois das eleições geraes, o monumento que vae ser erigido, em Londres, á sra. Pankhurst, a grande leader feminista que, pela sua audacia, pela violéncia que imprimia á campanha pelo voto feminino, se tornou um nome celebre no mundo inteiro. O seu apostolado foi de uma constancia extraordinaria, por isso mesmo, que teve de se encontrar varias vezes com a policia, sempre energica em repellar os attentos á liberdade, quaes os commettidos pela sra. Pankhurst e suas exaltadas partidarias, como aquelle de parar, certa vez, o cavallo do Rei, numma corrida, detendo-o a muque feminino, ou de cortar telas celebres nos museus. Conseguida a victoria dos seus idéaes, a sra. Pankhurst morreu, annos depois, na mais absoluta tranquillidade civica, de ter permitido a collaboração feminina ao governo de S. M. B. e, agora, a Inglaterra vae lhe render o preito do seu reconhecimento.

O BRAZÃO DE D'ANNUNZIO

Gabrielle d'Annunzio, principe de Montevenoso, acaba de receber o seu brazão, que consiste num escudo francez moderno, com sete estrellas em prata, collocadas em dois arcos concentricos da direita para a esquerda, tres voltadas para áquelle lado e quatro para este, e de um cume pontudo, em campo azul. A divisa é: *Immotus nec iners*.

O BI-CENTENARIO DE BURKE

A Inglaterra celebrou o bi-centenario de Edmund Burke, estadista, orador e escritor, salientando-se pela sua violenta attitude de combate contra a revolução franceza. Sustentou as reivindicações das colonias americanas rebclladas contra a Corôa e defendeu a estreita união da igreja anglicana ao estado. Foi tambem grande adversario da França.



NOVA DELHI

Tres engenheiros inglezes, Brodie, Lexhyens e Swindon imaginaram construir sobre um vasto terreno uma nova capital para a India, destinada a substituir Bombay.

Sobre o territorio da cidade que nasce, havia a quinze annos uma planicie var-

rida pelos ventos e queimada pelo sol. Essa capital seria rodeada pelas muralhas de Purara, uma das numerosas Delhi do passado.

O centro da cidade é construído por uma via larga, de tres kilometros de extensão que termina junto ao monumento erigido á memoria dos soldados indianos mortos na guerra. Em torno do monumento serão construídos os sumptuosos palacios dos principes indianos. O plano de construcções prevê em principio a existencia de uma população de 35.000 habitantes.

A CAVALGADA DE JOANNA D'ARC

Projecta-se para o 5º centenario de Joanna d'Arc erigir pedras commemorativas do itinerario seguido pela heroína, de fevereiro de 1429 a maio de 1431. Cada pedra terá além da esculptura, as datas de sua passagem ou de sua estadia e os factos principaes occorridos nessa localidade. Foram estas as principaes etapas percorridas pela jovem guerreira em 1429: a 6 de janeiro, ella completava 17 annos em Domrémy; a 23 de fevereiro partia de Vancouleurs com seis homens armados através do alto Marne, Cote d'Or, o Yonne, o Loiret para chegar a Chinon a 15 de março e a 23 a Poitiers. De 27 de abril a 13 de maio permaneceu em Orleans e de 15 a 22 de julho residio em Reims, a 8 de setembro esteve em Paris e a 29 de outubro em Bourges.

Todo centro da França foi assim percorrido por Joanna d'Arc.

OS AUTOMOVEIS EXISTENTES NO MUNDO EM 1928

Distribuem-se, segundo estatísticas americanas, da seguinte forma:

Abyssinia	243
Açores	650
África Ocíd. Ingleza .. .	13.097
África Ocíd. Franceza .. .	4.050
África Oriental Ingleza .. .	12.823
Alaska	2.050
Allemanha	422.300
Angola	1.653
Arabia	882
Argelia	30.550
Argentina	241.356
Australia	464.225
Austria	25.163
Bahamas	985
Barbados	1.382
Belgica	100.000
Bolivia	140.102
Brasil	140.102
Bulgaria	2.265
Canadá	939.479
Ceylão	13.812
Chile	17.100
China	17.121

Chipre	1.027	Romania	18.777
Chosen	1.619	Russia	22.500
Colombia	11.291	Salvador	1.595
Congo Belga	3.500	Sião	6.391
Costa Rica	1.360	Syria	5.267
Cuba	45.000	Sudão	250
Dantzig	1.920	Suecia	110.500
Dinamarca	83.094	Suissa	53.000
Egypto	20.553	Tchecoslovaquia	33.909
Equador	1.239	Terra Nova	1.342
Estados Unidos	23.253.882	Trindade e Tobago	4.042
Estonia	2.138	Tunis	7.435
Finlandia	25.250	Turquia	6.400
França	960.000	União Sul Africana	100.750
Gibraltar	607	Uruguay	31.160
Grecia	17.300	Venezuela	15.004
Guadalupe	680	Yugo-Slavia	10.480
Guatemala	2.069	Outros paizes	3.454
Guyana Ingleza	1.200		
Hespanha	110.000	Total	29.638.535
Haiti	1.711		
Hawai	33.200		
Hollanda	74.000		
Honduras	628		
Hong-Kong	1.805		
Hungria	12.850		
Ilhas Canarias	4.859		
Ilhas Fidji	833		
Ilhas Filipinas	28.975		
India	117.000		
Indo-China Franceza	12.800		
Índias Ocíd. Hollandezas	1.050		
Índias Orientaes Hollandezas	44.394		
Inglaterra	1.219.477		
Irak	4.237		
Irlanda	64.846		
Islandia	509		
Italia	165.000		
Jamaica	5.610		
Japão	49.556		
Latvia	1.950		
Lituania	1.030		
Madagascar	1.359		
Madeira	500		
Malacca Ingleza	29.916		
Malta	1.451		
Marrocos	13.806		
Marrocos Hespanhoes	600		
Martinica	1.637		
Mauricia	2.957		
Mexico	50.000		
Moçambique	1.140		
Nicaragua	450		
Noruega	33.100		
Nova Zelandia	134.215		
Palestina	2.424		
Panamá e Canal Zona	6.110		
Paraguay	1.001		
Persia	6.560		
Peru'	10.500		
Polonia	18.878		
Porto Rico	14.047		
Portugal	20.000		
Republica Dominicana	4.075		
Reunião	850		
Rodesia	5.966		

Com referencia ao Brasil, o serviço de estatística dos Estados Unidos, que publicou esses dados, lembra que o total de 140.102 automoveis é approximado, porque faltam informações mais completas.

A "HUMANIZAÇÃO" DA GUERRA E AS INDUSTRIAS CHIMICAS

As idéas sobre a humanização da guerra têm contribuído fortemente para o desenvolvimento das industrias chimicas, utilizaveis em campanha. Tal tem sido esse desenvolvimento que a Liga Internacional Feminina pela Paz, seriamente impressionada com o extraordinario aumento de fabricação de gazes toxicos e com o facto de terem sido poucos os paizes que ratificaram a convenção da Liga das Nações sobre o uso desses gazes, convocou uma conferencia, que reuniu recentemente em Fribourg-ên-Brisgan, afim de discutir os methodos da guerra moderna e a protecção das populações civis.

Aberta a serie de conferencias, pelo prof. Lewin, de Berlin, e pela delegada suissa, sra. Mathilde Woker, livre docente da Universidade de Berne, discutiram a guerra chimica e, baseados em numerosas estatísticas, mostraram que os gazes asphyxiantes não humanizam a guerra, sendo, ao contrario, uma arma cruel de exterminação. Portanto, necessitam combater a todo transe essa "humanização" da guerra.

O TUNEL SOB A MANCHA

O projecto de um tunel entre a França e a Inglaterra, sob o mar da Mancha, volta a debate nos dois paizes, tudo indicando que, desta vez, com as maiores possibilidades de exito absoluto. As estatísticas inglezas, por um inquerito feito junto aos membros do Parlamento, acusou o seguinte resultado: Pares: 115 a favor, 56 contra, 30 neutros; Com-muns: 201 a favor, 17 contra e 108 neu-

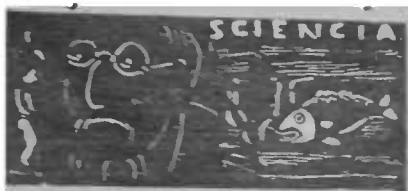
tros. Numa das ultimas sessões da Câmara dos Communs, o primeiro ministro disse: "O interesse que toma o publico pelo projecto do tunel sob a Mancha, convenceu o governo da oportunidade de um novo estudo completo da questão. Estamos desejosos de que um exame attento do problema, no ponto de vista economico, seja feito o mais breve possivel, afim de que se o possa considerar juntamente com as objecções do comité de defeza." E ajuntou que o problema era daquelles que deveriam ser considerados fora de qualquer idéa partidaria, pedindo a collaboração dos srs. Lloyd George e Mac Donald.

A imprensa, em geral, approva o projecto, apenas o Times pergunta, com inquietação, se logrará exito desta vez e lembra que o inglez medio fica nervoso em toda discussão, que põe em jogo a sua condição insular.

Na França, tambem o meio é favoravel ao projecto. Falando ao Daily Mail, o sr. Painlevé, ministro da guerra, conquanto sem dar ás suas palavras um tom official, declarou-se francamente seu partidario, respondendo, de ante-mão, todas as objecções de ordem militar que possam ser arguidas. E termina affirmando que esse tunel não pertence mais ao dominio das experiencias scientificas, nem ao das anticipações. Deve ser realizado em futuro immediato. O projecto não composta mesmo as difficuldades enormes do canal de Suez ou do Panamá. O seu exito não pôde ser posto em duvida."

CONGRESSO DE HISTORIADORES MARXISTAS

Neste congresso, reunido ultimamente em Moscou, verificou-se que muitos dos archivos preciosos á historia marxista ainda não foram encontrados. Taes os de varios grão-duques, entre os quaes o do grão-duque Nicolau Mikhailovitch. O de Kerensky foi encontrado no anno passado e por ultimo o de Milioukov. Quanto ao do grão-duque Constantino Constantinovitch, que se encontra com a Academia de Sciencias, da França, foi objecto de um pedido de Moscou, mas, por disposição testamentaria do seu possuidor, ainda faltam 10 annos, para que possa ser entregue a quem quer que seja.



A T. S. F. MEDICA

Segundo o "Thuringer Allgemeine Zeitung" o professor Asau, de Iena conseguiu emitir ondas extra

até 400 kilometros, sem antena, com auxilio de cascos de radio. O aparelho emissor é tão pequeno que pode ser contido numa carteira de cigarros. O que ha de interessante nessa descoberta é a applicação de taes ondas par afins medicaes. Experiencias feitas demonstraram que pequenos animaes foram mortos logo que foram tocados pelas ondas assim como culturas de bacillos foram egualmente destruidas.

UMA OBRA INEDITA DE NEWTON

Descoberta a bibliotheca de Newton, conforme noticiamos em outro local, pelo coronel Willamil, num antiquario, onde a encontrou, como um velho lote de volumes e autographos, tidos como imprestaveis e sem valor, na pequena cidade de Gloucestershire, em Cirencester, affirma o citado coronel que, entre os manuscritos, ha um trabalho de Newton, que trata da natureza da lua. Essa affirmativa tem sido recebida com certo scepticismo, mas as declarações do coronel Willamil são peremptorias.

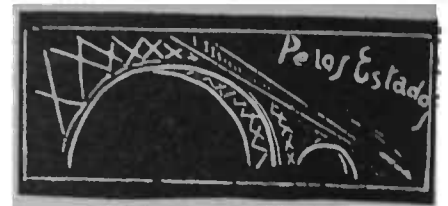
A ETERNA JUVENTUDE DOS HOMENS

O sr. Stanley Baldwin, primeiro ministro da Inglaterra, falando no banquete de commemoração do 50º anniversario do apparecimento da revista "Boys ows Papers", disse encantadoramente o seguinte: "Eu penso que um dos grandes encantos do sexo masculino é de muitos de nós permanecerem crianças até o fim da vida. Quantas vezes ouvimos dois velhos gentlemen encarengados de rheumatismo e gotta, saindo do clube, alta noite, e um dizer ao outro — *Vamos menino!* Quem já ouviu duas velhas, recolhendo-se á casa, dizer uma para outra, *Vamos menina?* Nós homens temos as nossas faltas, o segredo da eterna juventude, porém, está em nós, no nosso sentimento, nas nossas maneiras e nos nossos habitos."

A CAUSA DA APPENDICITE

O cirurgião Frank C. Henry, de Perth Amboy, Nova York, que, durante um quarto de seculo, se especializou no estudo da appendicite, chegou a uma conclusão inesperada, que tem suscitado grandes discussões. Um parasita, mysteriosamente baptizado Pin-worm (verme alfinete) seria a causa desse mal perigoso. O mais interessante é que o dr. Frank Henry diz que o appendicite é

contagioso, o que explica a sua multiplicação extraordinaria, mas que é possível, por uma seria prophylaxia, evitar o temivel verme-alfinete.



O REI DO XINGÚ

Aquelle extranho rei do Xingú, em Matto Grosso, que a perspicacia de mr. Smith descobriu naquellas regiões, para comunicar aos leitores da "Herald Tribune", de Nova York, foi uma novidade pittoresca para nós brasileiros. Não sabemos que ha, naquellas regiões, um italiano esperto, que, vestido de pelle de cobra e largo sombrero, um imperante, a cujo jugo vive jungida a população do Xingú, enquanto elle, o "monarcha", dispõe de immensa fortuna. Para o cronista yankee, essa situação vae acabar, com a vinda civilizadora da missão Ford, que vae vencer, naquellas zonas, tanto a gafeira, quanto a superstição. Ninguem põe em duvida, a triste situação do interior, e esta revista já o reclamou com energia. Todos nós estamos convencidos de que o homem do interior vive submisso aos fazendeiros e, embora a nossa legislação prohiba a locação de serviços por tempo indeterminado, realmente existe uma servidão de facto do trabalhador ao proprietario, porque as condições de trabalho não lhe permitem nunca levantar a cabeça. Por outro lado, sabemos o mundo de superstições, que domina os espiritos ingenuos dessa gente, as feitiçarias e macumbas, que os espertos exploram, com grande proveito. Mas, se isso é verdade, tambem não exageremos as coisas a ponto de chegar a esse "Rei" do Xingú, que parece ter sido uma pilheria arranjada para enganar o ingenuo mr. Smith, avido de emoções exoticas.

O MODERNISMO EM MINAS

O "Diario de Minas" pediu aos escriptores modernos mineiros o seu pensamento sobre a actualidade literaria e, das respostas, temos em mão as dos srs. João Dornas Filho, João Alphonsus e Achilles Vivacqua.

Para o primeiro, o "modernismo brasileiro rastreou a verdade, falta-lhe, porém, totalização." Estamos ainda no periodo da destruição, mas a reforma iniciada justifica fundadas esperanças de que se conclua naquillo que ansiosamente procuramos. E' contrario á anthropophagia, porque descrê do indianismo como força de totalização. Sobre o movimento mineiro, disse que muito reali-

zou, embora as contingencias dispersem as forças que tão brilhantemente iniciaram.

“Mesmo assim — conclue — o nosso movimento modernista é o mais interessante e curioso que conheço. Acima do Prata e dos Andes. Mais humano é **elle mesmo** do que o da França, da Italia e de todo o mundo. E por ser mais humano é, **elle mesmo** mais intelligente. Si mais não fez, é porque essas coisas não se fazem do pé p'ra mão. Talento, e do bão, não lhe falta.”

O sr. João Alphonsus, cuja entrevista é mais uma justificativa da arte moderna, do que uma fixação do que se tem feito no seu estado, acha que “a actual literatura de Minas é a verdadeira expressão da literatura brasileira. Os novos valores trabalham com afinco para unificação do nosso pensamento.” Quando lhe perguntaram se progredimos, respondeu resolutamente: **Sim!** Ha um symbolo na bandeira Nacional que diz: **Ordem e Progresso.**”

O sr. João Alphonsus é mais pessimista. Não somos um paiz perdido, mas tambem não estamos achados, e quem sabe lá quando se achará. O modernismo lhe parece uma transposição atrazada do que se faz na Europa. Não sabe o que seja espirito moderno. Sobre as letras em Minas, acredita que estão estagnadas. Nada se faz, nada se cria. Sobre o movimento modernista, diz que Mario de Andrade “é um resumo admiravel do movimento modernista, no que elle tem de mais verdadeiro, mais sincero, mais real. Na hora que a gente desanima, elle continua, cheio de fé, esperança, graça e ardor. Não hesita com uma embalagem de predestinado. Eu já tive admirações por varias figuras literaturas actuaes, e acabei verificando que as minhas admirações eram deploraveis. Retrocedi, ou por outra, adiantei-me. Mas ha outros dignos, Oswald de Andrade, Antonio de Alcantara Machado, os que estão aqui perto de mim, outros. Evito, porém, a entrevista genero enumeração. Minha opinião é essa.”



EXPOSIÇÃO DE ENCADERNAÇÕES NA BIBLIOTHECA DE PARIS

De 16 de janeiro até 3 do corrente, esteve aberta esta exposição na Bibliotheca Nacional de Paris, que teve um curioso aspecto retrospectivo, mostrando 377 das mais bellas encadernações que possuem a Bibliotheca Nacional, a

Mazarina e o Arsenal. O conjunto abrange 12 seculos, do 6º ao começo do 19º: manuscritos sagrados do 10º ao 11º seculo, em madeira, com placas de marfim esculpidas, esmaltes, filigranas, cabochons; obras do seculo 12º e do 13º, couros decorados ou não, com “bouillons” ou grandes pregos; obras do 14º seculo de uma ornamentação ainda mais requintada.

Com o 15º seculo, quando o papelão substitue a capa de madeira, apparecem as primeiras encadernações reaes, com as armas de Luiz XXII e de Anna da Bretanha. Depois uma collecção, unica no mundo (44 peças chinezas entre as 85 que existem nas 3 bibliothecas), as encadernações feitas pelos mestres Jean Grolier, thesoureiro das Guerras e das Finanças de Luiz XII a Henrique II, obras de inestimavel belleza. E assim se succedem as collecções do mais alto valor, acompanhando o gosto e a moda de cada seculo, no tratamento luxuoso aos livros dos grandes mestres.

UM BAILADO DE PAUL VALÉRY

Os bailados de Ida Rubinstein, além de todo o seu extraordinario merito artistico, tiveram a felicidade de inspirar Paul Valéry a escrever tambem um, que denominou **Amphion** e que, sob a denominação de “espectaculo lirico” reunirá o poema recitado, a musica, confiada a Honegger, a mimica e a dansa de Ida Rubinstein. Esse bailado será levado na Opera, na estação da primavera deste anno, sendo esperado com a mais intensa emoção.

EXPOSIÇÃO DE ANNITA MALFATTI

Annita Malfatti, a nossa admiravel pintora, que foi uma das batalhadoras da “Semana de Arte Moderna”, onde nos apresento uaquele suggestivo “Homem Amarello”, acaba de expor em São Paulo, apresentado uma mostra copiosa de trabalhos em que se affirmam as suas qualidades fortes e incisivas, que a tornam uma artista de real merito, no meio do marasmo infecundo, em que se arrasta a nossa pobre pintura. Annita Malfatti é, sobretudo, uma pintora de grande objectivismo, mesmo quanto da realidade deva suggerir as mais transcendentas consequencias. Exemplo: **Puritas**. Aquella mulher nua e abstracta, cuja volupia dorme sob o somno grosso da innocencia, cercada de um ambiente, talvez muito acentuado, com as pombas,

as borboletas, os carneirinhos, o corrego limpido, todo esse arsenal desnecessario de coisas puras, para emoldurar a figura que, por si só, bastava. Outras vezes, apenas a realidade. Exemplo: **Tropical**, talvez o melhor quadro. A mulata com o taboleiro de frutas. As suas paisagens são directas. Veneza tal e qual. Muita côr, muita sujeira. Nenhum pieguismo. Outras vezes Annita tem telas de uma doçura e de uma delicadeza admiraveis, embora se afastem um pouco das suas tendencias fundamentaes, vindas do expressionismo. Assim **Romantica, Espanha**, ou **Camponeza**. Não é aqui lugar de uma critica, senão de uma simples noticia da exposição magnifica que Annita Malfatti acaba de fazer, affirmando a sua pintura, cada vez mais larga e suggestiva.

EXPOSIÇÃO DE TARSILA DO AMARAL

Tarsila do Amaral vae fazer, este anno, uma exposição em São Paulo e outra no Rio, sendo a primeira vez que expõe no Brasil, já o tendo feito, porém, varias vezes, na Europa, com grande exito. Assim, para uma melhor demonstração da sua arte, a pintora modernista fará uma exposição retrospectiva, desde o inicio impressionista, passando depois ao cubismo integral até as manifestações actuaes, em que se libertou dessa tendencia, para uma arte profundamente brasileira, em que se combinam acentos super-realistas, marcando o primitivismo de certos quadros. Em Tarsila, porém, quaesquer que sejam essas intenções, ou, apesar de quaesquer intenções da sua arte, ha uma maravilha constante, que é a côr forte, impressionante, que cria a sua pintura, para todos os olhos, para todas as emoções. As suas ultimas producções, fóra do cubismo estatico, são inspiradas no meio brasileiro, com prodigioso vigor de expressão e rara força de coloridos, equilibrando volumes, que se deformam e dissociam, nas mais extranhas e suggestivas combinações. A sua exposição affirmará, significativamente, o modernismo da nossa pintura.

GALERIA DE BERTHE WEILL

Todos os annos, em dezembro, abre-se em Paris este salão, a que compareceram, em 1928, 70 artistas, dentre os quaes Rouault, Drain, Friesz, Charnix, Utrillo, Van Dongen, Dufresne, Pe Krogh, Makowski, Matisse, Gromaire, Laprade, Coubine, Bonnard, Dufrénoy,

**CABELLEIREIRO VICENTE — Ondulação — Córte de cabelo
GEORGETTE — manicura.**

Serviço a domicilio a seis mil réis.

Tel. Ipanema 1243

Eisenschitz, Chapall, Goerg, Marchand, Pascin, Vlaminek, Picasso, Kayser, Ginni, Bonche, Girieud. Além um Segonzag, um Faudrier, um Soutine e alguns mais, todos os expositores são modernos. A exposição obedece a um thema geral, tendo sido o do anno passado: "Flores e frutos", que permittiu grandes e profundas originalidades, como a de Van Dongen, sob cujo pincel flores e frutos se tornaram uma elegante silhueta feminina; ou a de Makowski, de prodigiosa synthese, ou a de Chagall que, a proposito do thema, se entrega ás suas acrobacias habituaes.

NIJINSKY EM PARIS

Foi corrente aqui, no Rio, que Nijinsky, o extraordinario criador plastico, que admiramos por duas vezes, no Municipal, em grandes companhias de bailados russos, ao lado de Karsavina, (isso no tempo em que os empresarios eram mais criteriosos, ou mais exigente a fiscalização municipal) tinha morrido louco, depois da guerra. Falso. O inesquecivel criador do "espectro da rosa" vive, mas longe dos bailados e, ainda agora, esteve em Paris, onde visitou os seus antigos companheiros, na Opera, onde davam uma serie de espectaculos. Vimos a sua photographia ao lado de Grigorieff, Karsavina e Diaghilew.



O SYSTEMA DOS QUARTO DE TONS

O compositor sovietico Ivan Vychnegradski estuda, em Paris, o difficil problema da extensão e aperfeiçoamento dos meios de expressão musical. Deseja elle substituir o systema de meio de

tons, pelo de quarto de tons, mais largo e delicado. A idéa basica é muito simples. Todo o material sonoro, que compõe a musica, era dividido pela theoria de um modo determinado, seguindo a altura relativa dos sons, cada som dado desta serie distingue-se dos seus vizinhos, pelo que se chama **meio-tom**, isto é, que elle é mais alto do que o precedente e mais baixo do que o seguinte de um meio tom. Todo esse systema, actualmente em vigor, é chamado systema chromatico a meio-tom e constitue o fundamento material da arte musical contemporanea. Assim se fazem todas as combinações, numa ordem horizontal (successiva) e vertical, obtendo-se assim os elementos fundamentaes de toda musica: a melodia e a harmonia.

Ora, a musica moderna parece que se constringe nessas bases, pelo que, de varias partes, têm partido estudos tendentes a alargar o systema vigente dos meio-tons, substituindo-o pelo de quarto de tons, cuja essencia reside na divisão em duas partes do intervallo minimo existente na pratica musical actual: um novo intervallo de quarto de tom fica assim criado. A objecção de que esse intervallo não seria percebido, já foi completamente refutada pela experiencia. Para a realização da nova musica, já se cuidam de aparelhos apropriados, dentre os quaes o piano de quarto de tons, com dois teclados superpostos, criação da casa Pleyel, de Parris, em collaboração com Vychnegradski. Varios compositores começam a escrever no novo systema, citando-se os russos Rimski-Korsakov, neto do grande compositor desse nome, Malakhovski, Rentchitski e outros; os tchecos Aloís Haba e sua escola, Carol Haba, Rodolphe Koubine; o americano Ives e muitos outros. Em Leningrad, ha, perto do conservatorio, uma sociedade de musicos em

quarto de tom, que tem dado varios concertos e Aloís Haba, num piano apropriado, fez uma **tournee**, com grande exito, nas principaes capitães europeas.



AS LETTRAS E O THEATRO, EM 1829

Ha um seculo passado Victor Hugo publicava "Les Orientales", Stendhal "Promenades dans Rome" e Jules Janin "L'ame morte".

O Theatro Francez representava "Henrique II e sua cõrte", drama historico de Alexandre Dumas e o "Mouro de Veneza", traduzido de Shakespeare por Alfredo de Vigny.

Na Opera representava-se "Guilherme Tell", de Rossini; no Odeon, "Une Fête de Neron", de Soumet e Belmontes e no Porte Saint Martin, "Marino Faliero", melodrama em verso de Delavigne.

UM POEMA DE RACINE

A revista "1928" publicou o poema abaixo, com a nota muito simples: **Retrouvé à la bibliothèque de Strasbourg** e, depois, em errata: lire **Saint-Pétersbourg**. Immediatamente, se estabeleceu um discussão para decidir se se trata de um poema encontrado, da copia de um poema, ou de pastiche habilissimo.

POEME RETROUVÉ

Assemblés dans ce temple où Dieu se
[fait connaître

Fidèles, prenez à part ma f-licité:

C'est le Seigneur qui va paraître;
Je vois déjà briller sa divine clarté.

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungallows e apartamentos

APRESENTAÇÃO DE MODELOS NOVOS

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147

En pompeux appareil que le temple
[s'apprête,
Et qu'on rende ce jour un des plus so-
[lennels

Que, pour en célébrer la fête,
Le peuple y soit pressé jusqu'au pied
[des autels.

Qui, mon Dieu, c'est toi seul que je veux
[reconnaître
Par les hommages purs dont je viens
[m'acquitter;

O mon Dieu, mon unique maître,
C'est toi seul en tous lieux que je veux
[écouter.

Oui, je confesserai qu'exauçant ma
[prière,
Mon Dieu, c'est de toi seul que je tiens
[mon salut.

Et mon ame, à toi toute entière,
D'un hommage accompli te rendra le
[tribut.

Peuples de vos concerts unissez l'har-
[monie,
Et louez du Seigneur la suprême bonté:
Sa miséricorde infinie
Est égale en mesure à son éternité.

Jean Racine

UMA TRADUÇÃO DE OLAVO BILAC

A *Revue Nouvelle* consagrou um dos seus últimos numeros á literatura estrangeira contemporanea, tendo figurado como representante das letras brasileiras, Olavo Bilac, com o soncto **As Virgens Mortas**, traduzido por Jean Duriau, que o encabeçou com a nota seguinte:

"Olavo Bilac, nascido no Rio de Janeiro em 1865, fallecido em 1918, é um dos grandes poetas da lingua portugueza. Depois de ter iniciado os seus estudos de medicina, abandonou-os para seguir os cursos de direito na Escola de São Paulo, vindo depois para o Rio, onde se consagrou exclusivamente ás letras. Eleito "principe dos poetas" brasileiros, num referendum aberto na imprensa, escreveu numerosos poemas reunidos em duas collectaneas: "Via Lactea" e "Tarde", bem como prosas e obras didacticas.

"Os seus versos, muito puros de forma e muito imaginosos, têm os acentos de uma melancolia profunda, inspirada por um doloroso drama de amor, que escondeu escrupulosamente, mesmo aos seus amigos mais intimos."

A traducção é a seguinte:

VIERGES MORTES

Quand une vierge meurt, une étoile
[apparaît
Neuve, dans l'antique écrin bleu du fir-
[mament,
Et l'ame de celle qui mourut, au même
[instant
Dans la lumière de celle qui naît, palpi-
[te et respandit.
O vous, qui dans le silence et le recueil-
[lement
De la campagne, conversez tout seuls
[à deux quand vient la nuit
Prenez garde; ce que vous dites, com-
[me une rumeur de prière
Va gagner le ciel, emporté par le vent.
Amoureux qui passez, les lèvres débör-
[dantes
De baisers ne troublez la paix des
[champs
Et enflammant le chaste cœur des fleurs,
Pitié! elles coient tout entre les buissons
[obscurs,
Pitié! Votre impudeur offense le regard
[glacé
De celles qui ont vécu seules, de celles
[qui sont mortes pures.



"STRANGE INTERLUDE", PEÇA EM 9 ACTOS, DE EUGENE O'NEILL

Uma peça em 9 actos é sem precedentes no theatro e, se considerarmos que appareceu agora, nesta epoca em que a synthese dramatica é a suprema exigencia dos espectadores, mais curioso se torna o phenomeno. E' o drama de Eugéné O'Neill, escritor norte-americano, **Strange Interlude**, levado ao "Theatre Guild", no mez passado, come-

çando ás 5½ da tarde, para acabar ás 11 da noite, com um intervallo, para jantar. Como, no "Parsifal", em Beyreuth.

O drama é extraordinariamente intenso, procurando justificar doutrinas sociaes, medicas, de eugenia, etc., através da immoralidade resultante. E' uma mulher, Nina Leeds, que amava Gordon, um athleta. Viviam intimamente, como é habito norte-americano, mas Nina não permittiu nunca, nem na vespera da partida do seu noivo para a guerra, o supremo goso do amor. Gordon morreu em campanha e Nina, moida de remorsos, resolve, por penitencia, entregar-se a todos os homens, o que faz, no hospital onde serve. O dr. Edmund Darrell, medico do hospital, aconselha Nina a casar-se com um velho amigo de Gordon, Sam Evans, mostrando-lhe ser melhor essa união e a procreação, do que a debochada penitencia, que se impuzera. O casamentó se faz. Mas, eis que, quando Nina conta a sua sogra, a alegria que lhe enche o coração e o de seu marido, por estar em vesperas de ser mãe, essa lhe diz que não pôde nascer esse menino, porque toda a ascendencia de Sam Evans é de loucos e seria um crime contra a sociedade procrear conscientemente um louco. Deve abortar-o. Nina se desespera e mostra que nessa crianca está a felicidade do marido. Então a sogra lhe diz que ella deve ter um filho, em bem da alegria e tranquillidade conjugal. Para isso escolha, nas suas relações, um homem robusto e lhe peça um filho. "Não será um adulterio — conclue — o vosso amante de um dia não será mais do que um instrumento destinado a assegurar a felicidade do vosso marido e a grandeza da Raça."

Nina obedece e, depois do aborto, quando ella explica ao dr. Darrell as doutrinas da sua sogra, elle as comprehende e se apresenta como o homem perfeito, bello e bem feito. Nina accita, das palavras vão passar aos gestos e o pan-no cáe.

Encontramos depois o pequeno, que se chamou tambem Gordon, com dez annos. Mas, complica-se o caso, porque o pae-estalão se apaixona por Nina, não se convencendo de que foi um "instrumento" apenas. O filho o detesta. De-

para, no acto seguinte, 13 annos depois, estão num yacht de passeio, o putativo louco de alegria vendo o filho ganhar uma corrida de avião. Gordon foge com a sua noiva. Numa vacatur nos braços de um romancista, Charles Martden, que a amava desde o tempo do hospital, e, nessa companhia, ella conclue que a felicidade não existe.

Falando do **Strange Interlude**, cuja descripção nos deixa em duvida, se se trata de uma alta realização dramatica, nessa tragedia de hypocrisias scientificas, em que se dá á sciencia uma especie de papel de destino na tragedia antiga, ou se estamos em frente de um dramalhão artificial. Escreve Maurice E. Condreant: "A impressão final é atrozmente pathetica e por isso é que **Strange Interlude** é uma grande. Ella representa não so uma raça, mas uma época. É um documento unico para a historia da sociedade. É tomando-a assim, fica-se indulgente para com as suas **desproporções**, obscuridade que muitas vezes envolve o pensamento do autor e leva o espectador por falsas pistas."

A representação da peça, feita no **Theatre Guild**, de Nova York, alcançou um éxito magnifico, tendo os actores, no desenvolvimento de uma acção, que dura 30 annos, revelado todas as suas qualidades dramaticas, salientando-se a sra. Lynn Fontanne, que se incumbiu do papel extraordinario de Nina.

"EL RITMO DEL TIEMPO", POR G. LUZURIAGA AGOTE

É o primeiro volume publicado pelo Editorial Orientacion, instituido pela magnifica revista desse nome, que se publica em Buenos-Aires, consagrada a vida latino-americana. O Autor é um caso estranho e curioso. Não gosta do modernismo. A vida dinamica e tumultuosa das grandes metropoles o atordoa e conta que a maldição sera o fim da grandeza formidavel de Nova York. O mundo intenso de Buenos-Aires o enche de melancolia. No entanto, esse poeta, de tanto amor a quietação, com uma nota mesmo de mysticismo e resignação, é capaz de um poema moderno, na expressão e no sentido, como este **First National Bank of Boston**:

Una forma de proa le da la diagonal
y como un buque anclado,
carga el Banco de Boston, oro de la
[ciudad.
Si franquea la puerta que cinceló un
[artista
(noble ejemplo de arte que valora el
[metal)

las hormigas del oro
vienen y van.

Es el Banco de Boston
un palomar,
que hasta cerca del cielo tiene sus me-
[chinales

en soledad,
pues el biblico emblema,
el augurio de paz,
escudrinó que dentro
de cada mechinal,
no falta oro de trigo
en vasta cantidad,
mas es trigo que el hombre
lo convirtió en metal.
Una forma de proa
las dos calles le dan
y como un buque anclado,

carga el Banco de Boston, oro de la
[ciudad.

"A DEMOCRACIA E A SUISSA", POR GONZAGUE DE REYNOLD

Acaba de apparecer a obra do snr. Gonzague Reynold: **La démocratie et la Suisse** (Berne, Les éditions du Chaudelier, 1929), que é definida, em subtítulo, como um **Ensaio duma philosophia da nossa historia nacional**. Trata-se de um largo quadro em que o autor desenha, em grandes syntheses, a formação intellectual e moral da Suisa, o seu des-

envolvimento e seu papel europeu. Procura o sr. Reynold explicar o presente pelo passado: "Como o pintor, escreve, escolhemos um ponto de vista, do qual consideramos toda a nossa historia, e esse ponto de vista, é o dia em que escrevemos."

DIVERSAS

— Acaba de apparecer a traducção espanhola do livro **Europa**, do Conde de Kayserling.

— Sabemos que Alvaro Moreyra publicará em volume os seus ultimos poemas, apparecidos em jornaes e revistas.

— Mario de Andrade annunciou um livro dando conta das pesquisas do nosso canto popular, por elle feitas recentemente no nordeste. São mais de 600 documentos originaes, que representam uma preciosa contribuição para o estudo do nosso "folk-lore" musical.

— Afranio Peixoto iniciou um curioso trabalho de colligir dictados e annexos, para o que solicita todas as contribuições.

— Preparam-se, desde já, na França, sobretudo nas regiões provençaes, as festas commemorativas do centenario de Frederico Mistral, que se celebrarão de 8 a 15 de Setembro de 1920, em Milane, Avinhão, Corpentras, Aix, Marselha e Cassis.

Do "comité" de honra fazem parte Madame Mistral, o presidente Doumergue, os embaixadores das nações latinas e outras altas personalidades.

Movimento Brasileiro

O NOSSO REPRESENTANTE EM S. PAULO

É nosso representante em São Paulo o Snr **Felippe Godoy de Oliveira**, residente á Rua Dr **Abranches, 45**.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

Rogamos aos Srs. Assignantes, que não recebam pontualmente, os numeros de **MOVIMENTO BRASILEIRO**, que apparece sempre a 6 de cada mez, o obsequio de avisar esta Redacção, afim de reclamarmos á Sub-directoria do trafego postal.